

memória Cult

EDIÇÃO ESPECIAL DE LANÇAMENTO

Ouro Preto - MG - Brasil - Ano I - nº 1 - dezembro de 2010



Doenças e mistérios de Aleijadinho

▲ Geraldo Barroso

O Direito Diamantino

▲ Ricardo A. Malheiros Fiuza

Varginha do Lourenço: Centro de Conspiração do Movimento Inconfidente

▲ Marcos Paulo de Souza Miranda



Bernardo Paz

▲ Entrevista

Idealizador de Inhotim defende a arte como patrimônio público



nbs

A GENTE LEVA EDUCAÇÃO E CULTURA A LUGARES QUE FICAM BEM LONGE. AO FUTURO, POR EXEMPLO.

Oi Futuro é o instituto de responsabilidade social da Oi que trabalha para transformar a vida de milhões de brasileiros.

Em 10 anos, já beneficiamos mais de 4 milhões de pessoas, através de programas próprios nas áreas de educação, cultura, esportes e social, além do apoio a iniciativas de outras organizações via seleção por edital. É assim que estamos inserindo cada vez mais brasileiros no mapa da cidadania.

OIFUTURO.ORG.BR



FUTURO

Eugênio Ferraz* - Diretor-executivo

Nasce a revista **Memória Cult**. Esta publicação toma como sua razão de ser a intensa e ininterrupta defesa, valorização e divulgação da História, do Patrimônio, do Meio Ambiente, da Cultura e das Artes de Minas e do Brasil. Atenta às necessidades de nossa sociedade contemporânea, o desenvolvimento sustentável e o turismo também serão temáticas sempre pertinentes à revista.

Nesta primeira edição, foi prestada homenagem à Academia Mineira de Letras, simbolizada na gigantesca figura de Murilo Badaró, acrescida de artigo do seu fiel escudeiro, o jornalista Petrônio Souza Gonçalves. Foi adicionada reverência ao seu sucessor na presidência da AML, Miguel Augusto Gonçalves, também há pouco falecido.

Inhotim, fantástica obra que ao mundo todo impressiona e fascina, é destaque em matéria e em entrevista de seu idealizador e mecenas, Bernardo Paz. O INDIC - Instituto Nacional de Desenvolvimento e Integração Cultural – destacável iniciativa surgida na Região dos Inconfidentes, também foi merecedor de atenção neste número.

Houve artigos não de colaboradores, mas de verdadeiros parceiros, dando o tom que irá guiar sempre a **Memória Cult**, abrilhantando sempre as publicações. Nesta edição especial, comparece com significativo trabalho o promotor Marcos Paulo de Souza Miranda, jovem ícone da luta pela preservação dos bens culturais de Minas Gerais e que simboliza o espírito desta publicação.

O leitor também terá acesso a extenso e profundo trabalho sobre o Direito Diamantino contextualizado no século XVIII, obra do jurista Ricardo Malheiros Fiúza. O psiquiatra Marco Aurélio Baggio oferece-nos artigo analítico interligando o colecionismo com o lado perverso da mente humana. O drama do Aleijadinho – o patrono das artes no Brasil – é tratado em singular artigo do médico e seu permanente pesquisador Geraldo Barroso. Já o Bispo Emérito de Oliveira, Dom Barroso, criador do Museu Aleijadinho em Ouro Preto, apresenta aos leitores artigo de cunho sócio-religioso, de caráter reflexivo.

Com Educação Patrimonial e resgate oral da história, de forma livre e poética, brindam-nos o Museu das Reduções e o contador de histórias Mauricio Trindade. O Turismo, enfocado como negócio, também é tratado nesta edição por meio de artigo elaborado por Carlos Alberto Xavier de Vilhena.

Outros tantos trabalhos, artigos, teses e matérias já foram recebidos para os próximos números. Além desse valioso material, em cada uma de suas edições, a **Memória Cult** trará em sua capa trabalhos de renomados artistas. Nesta edição primeira, os leitores são brindados como a pintura de Layon, mostrando a “Imagem de Minas”. O artista também está presente em texto sobre o livro de Ivanise Junqueira, “Cheiros, Marcas e Rastros”, por ele tão bem ilustrada.

Boa leitura desta **Memória Cult**.

* Membro do IHGB, do IHG.MG, do IHG.São João Del Rei e da Arcádia de MG; Coordenador Executivo do Sistema de Museus de Ouro Preto, é o Superintendente do Ministério da Fazenda em MG e Coordenador Executivo do Fórum de Dirigentes Federais em MG.



Diretor-executivo

Eugênio Ferraz

Reg: 8.172-MG

Editor

Fernando Junqueira

Projeto Gráfico

Wellington Santos

Contato

Envie críticas, sugestões e
comentários para

memoriacult.revista@gmail.com

As manifestações
expressas em artigos
assinados refletem
apenas a opinião de
seus autores.



Pintura acrílica sobre tela de Layon, retratando a
"imagem de Minas, Congonhas, MG".



Além de pintor, o marianense Layon é considerado um dos maiores escultores discipulos de Aleijadinho. Acima, obras do autor, entre elas seu autorretrato.

Sumário

Por uma Arte Pública Entrevista com Bernardo Paz	06
Doenças e Mistérios do Aleijadinho	17
Ilustres Imortais em Mariana e Ouro Preto	27
Ateus Modernos e Ateus Contemporâneos	38
Estalagem Varginha do Lourenço Centro da Conspiração do Movimento Inconfidente	43
Flores de Layon	53
O Colecionador	57
O Direito Diamantino	61
Turismo e Negócios	70
Rodas de Histórias em Museus	74
Sábias Prioridades	78



Por uma arte pública

Em entrevista, o idealizador do Inhotim defende uma arte que transcenda a posse individual e sua consolidação como patrimônio público.

Único. Talvez esta seja a melhor forma de definir o Inhotim, espaço em contínua transformação, onde a arte convive em relação única com a natureza. Situado em Brumadinho, a 60 km de Belo Horizonte (MG), Inhotim ocupa uma área de 100 hectares de jardins botânicos com uma extensa coleção de espécies tropicais raras e um acervo artístico de relevância internacional.

Apresentado pela primeira vez ao público em setembro de 2004, no ano seguinte foi aberta uma agenda de visitas para atender

à rede escolar da região de Brumadinho e a grupos específicos. Desde 2006, a instituição recebe visitas em dias regulares, sem a necessidade de agendamento. A partir disso, tornou-se alvo de admiração de imprensa e público – nacional e internacional.

O grande idealizador do Inhotim é o empresário do setor de mineração e siderurgia, além de amante das artes, Bernardo Paz – presidente do Instituto Inhotim. A seguir, ele fala um pouco mais sobre o lugar que sonhou, construiu e, agora, ajudar a cuidar.



Entrevista

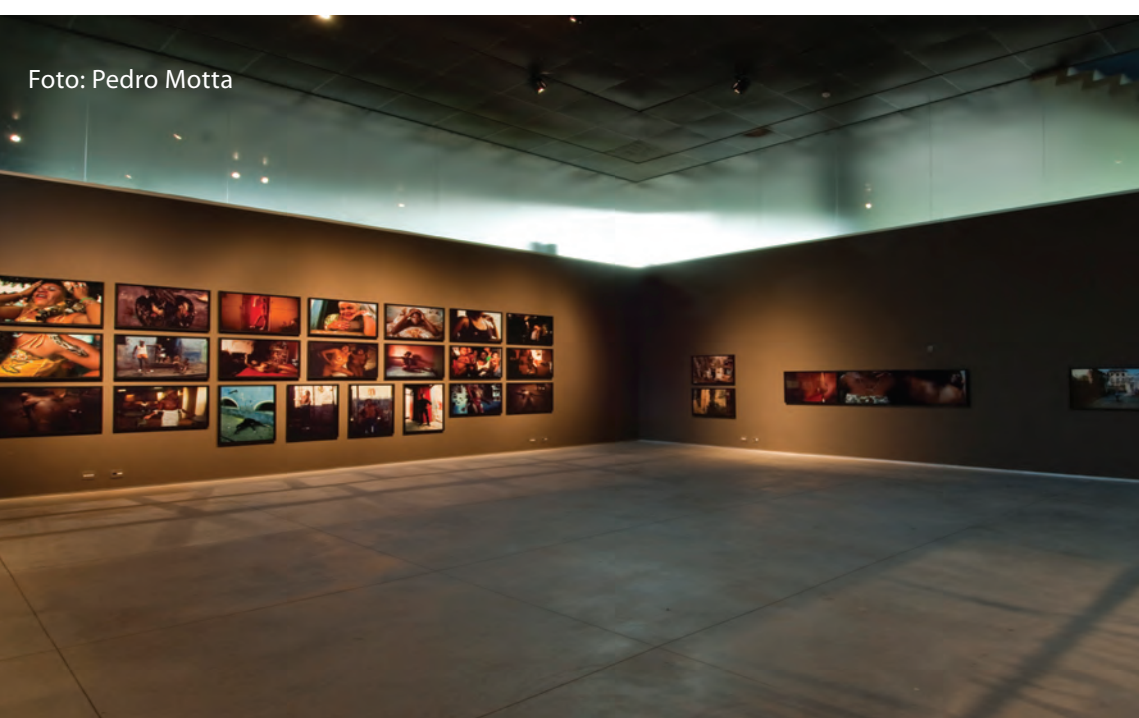
Quais foram suas motivações para criar um lugar como Inhotim?



Bernardo Paz - Tudo começou com o meu apreço por arte modernista, por botânica e pelos contatos que eu tinha com vários artistas brasileiros e com o paisagista Burle Marx. Depois de um determinado momento, me tornei amigo de grandes artistas brasileiros do período contemporâneo pós 1960, como o Tunga, e descobri essa vanguarda artística. Por meio desses contatos, estabeleci um diálogo com artistas internacionais da contemporaneidade. Assim, me desfiz da coleção modernista brasileira, que era excelente, e passei a adquirir obras de artistas contemporâneos e a frequentar coleções e galerias. Então fui criando esse acervo particular e ao mesmo tempo trabalhando os jardins da minha casa. Com o tempo, percebi que tudo aquilo transcendia a posse individual e tinha um valor como conjunto de acervo botânico e de arte que deveria ser tornar um patrimônio público. Abri ao público a coleção como um parque particular, primeiro através de visitas agendadas e em seguida ao grande público.

Arquivo





Integração à sociedade

A coleção botânica e acervo de arte contemporânea são utilizados para projetos educativos e para a formação de profissionais ligados à arte e ao meio ambiente. O Inhotim participa, ainda, da formulação de políticas para a melhoria da qualidade de vida na região, seja em parceria com o poder público ou de forma independente. Tais atividades são desenvolvidas pelo Instituto Inhotim - entidade privada sem fins lucrativos qualificada pelo Governo Federal e pelo Governo de Minas Gerais como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip).



No Inhotim, há obras grandiosas adquiridas, que ocupam pavilhões inteiros, enquanto outras foram desenvolvidas especialmente para o espaço. Como o Inhotim lida com a questão da renovação de seu acervo?

Bernardo Paz - O acervo vai se renovando por acréscimo, ele está crescendo, e se renova no sentido de que vão sendo adquiridas obras sempre na vanguarda da produção artística atual. Não é uma renovação por substituição, mas uma renovação por expansão de acervo e, principalmente, uma coisa que é muito singular no Inhotim, que é exatamente a colocação das obras nos espaços do parque, sejam galerias feitas especificamente para determinadas obras, sejam espaços abertos que os artistas esco-



Arquivo

lheram para ali colocar uma obra antiga ou criada especificamente para aquele entorno. Tudo isso propicia diálogos interessantes e condições de exposição das obras de uma maneira extremamente individualizada.



Foto: Eugênio Ferraz



Foto: Eugênio Ferraz



Foto: Pedro Motta

Arte Contemporânea

Seu acervo vem sendo formado desde meados de 1980, com foco na arte produzida internacionalmente a partir dos anos 1960. Pinturas, esculturas, desenhos, fotografias, vídeos e instalações de renomados artistas brasileiros e internacionais são exibidos em galerias espalhadas pelo Jardim Botânico.

São 13 galerias dedicadas a obras permanentes e quatro a obras temporárias, além de peças espalhadas por seus jardins. Uma nova mostra temporária é apresentada bianualmente e novos projetos individuais de artistas são inaugurados, mantendo uma constante evolução.

Galerias Permanentes

Recebem obras de Tunga, Cildo Meireles, Miguel Rio Branco, Hélio Oiticica e Neville D'Almeida, Adriana Varejão, Doris Salcedo, Victor Grippo, Matthew Barney, Rivane Neuenschwander, Valeska Soares, Janet Cardiff & George Miller e Doug Aitken.

Galerias Temporárias

Todas quatro – Lago, Fonte, Praça e Mata – têm cerca de 1 mil m² cada e contam com o mesmo tipo de arquitetura, com grande vãos que permitem aproveitamento versátil dos espaços.

Como são escolhidas as obras de arte e como se dá sua relação com os curadores?

Bernardo Paz -Os curadores trazem as obras que eles estão comprando para a minha aprovação. Eles viajam o mundo inteiro atrás daquilo que está acontecendo na arte contemporânea. Assim vamos desenvolvendo o nosso caminho dentro das artes que estão se apresentando no mundo.



Arquivo

Há como apontar alguma obra sintetize a coleção presente em Inhotim?

Bernardo Paz - São muitas e todas valem a pena serem vistas. É muito difícil dizer qual é melhor.

Você já se arrependeu de não ter comprado alguma obra?

Bernardo Paz - Não. O que estamos fazendo aqui em Inhotim é importante no contexto mundial. Compramos as obra de um artista se ele preenche os requisitos da nossa curadoria e não importa se ele é famoso ou está começando a carreira.



Foto: Eduardo Eckenfels



Foto: Eugênio Ferraz

Jardim Botânico

A área total do Inhotim é dividida em dois eixos: Reserva Natural, com 300 hectares de mata nativa conservada, e área de visitação, com 100 hectares de jardins de coleções botânicas e cinco lagos ornamentais. Em meio aos jardins, são realizados estudos florísticos, catalogação de novas espécies botânicas, conservação ex situ e uso paisagístico de espécies, sensibilizando a população para preservação da biodiversidade.

O local tem como diretrizes a conservação dos remanescentes florestais dos biomas Mata Atlântica e Cerrado; resgate, ampliação e manutenção de coleções botânicas; emprego de técnicas sustentáveis de manejo; elaboração e desenvolvimento de programas socioambientais.

Atualmente, são cultivadas mais de 4,5 mil espécies de plantas. O acervo conta com uma das maiores coleções brasi-

leiras de palmeiras, com mais de 1,3 mil espécies crescendo nos viveiros e jardins. O Jardim também conta com a maior coleção viva, no hemisfério sul, da família Araceae – que inclui de imbés a antúrios e copos-de-leite, com cerca de 450 espécies. As orquídeas estão representadas por cerca de 334 espécies. Ao todo, são mais cerca de 165 famílias botânicas, 851 gêneros e aproximadamente 3 mil espécies de plantas vasculares.



Como define o Inhotim?

Bernardo Paz - Inhotim é um lugar. É um lugar que uma das áreas de atuação é a coleção de Arte Contemporânea. As áreas de Inclusão e Cidadania, Botânica e Meio Ambiente também são extremamente importantes. Inhotim não foi feito para existir por apenas um tempo, foi feito para ser perene.



Foto: Eugênio Ferraz



Foto: Eugênio Ferraz

Ações sócio-educativas

O Inhotim também participa da formulação de projetos para a melhoria da qualidade de vida na região, por meio da Diretoria de Inclusão e Cidadania. Em 2008, foi criado, em parceria com mais de 30 representações culturais, o projeto 'Brumadinho: uma cidade musical'. O programa promove a potencialização das ações que envolvem a música e as ma-

nifestações culturais da cidade.

Através das ações educativas existentes no museu, cerca de 1,5 mil alunos das redes particular e pública de ensino de Brumadinho e da Grande BH visitam Inhotim toda semana. Os programas educativos aproximam a sociedade dos valores da arte, do meio ambiente,

da cidadania e da diversidade cultural.

Entre os programas realizados, destaca-se o Laboratório Inhotim, em Brumadinho, que promove o conhecimento da arte por jovens em idade escolar e fomenta a interação dos participantes com a produção artística contemporânea presente no museu, assim como com as diferentes manifestações da cultura local.





MEIRO HOJE
VIA NA IGREJA
OS NEGOS DE FORA FICAVA
CHISTE APANHIA PASSAVA
MATECA PREÇA DE PATRÃO
GRAND A M
UMA SA
MOS

Foto: Eugênio Ferraz



O Aleijadinho por Layon

Doenças e Mistérios do Aleijadinho

Geraldo Barroso*

Gênio de imensa força criadora e possuidor de uma disposição física incomum, não obstante os males que o afligiram, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, é um fenômeno. Filho de escrava em uma sociedade preconceituosa, discriminadora e racista, ele venceu os obstáculos mais difíceis que a vida lhe impôs e superou deficiências físicas e doenças mutiladoras, para se tornar o nome maior da arte brasileira.

Fatos intrigantes ou misteriosos marcaram a vida deste personagem, especialmente os seus estranhos hábitos e suas doenças.

Este trabalho objetiva comentar sucintamente justamente sobre isso, buscando compreender melhor este personagem tão singular, que marcou a história brasileira.

Quanto aos estranhos hábitos, o relato de Rodrigo José Ferreira Bretas, seu biógrafo, deixa claro que Aleijadinho usava chapéu de abas largas e vestes que cobriam todo seu corpo, além de só trabalhar protegido por um toldo. O artista só saía para o trabalho de madrugada e voltava

após o ocaso, no escuro. Bretas informa, ainda, que ele raramente saía de dia e, nas raras vezes em que isso ocorria, tocava o cavalo em galope, para chegar logo em sua casa.

** Médico Dermatologista -
Membro do Instituto Histórico e
Geográfico de MG, da Academia
Mineira de Medicina e do Instituto
Mineiro de História da Medicina*



Por que Aleijadinho se ocultava tanto?

Ele evitava as pessoas. Segundo Bretas, o artista cobria-se para que suas lesões não aparecessem, pois temia ser motivo de zombarias.

Quanto às doenças, mais mistérios.

Muitos médicos procuraram encontrar um diagnóstico retrospectivo da doença que provocou os distúrbios apresentados por nosso artista. Entre as doenças mais citadas como supostas causadoras das mutilações do Aleijadinho, destacam-se: Escorbuto, sífilis, framboesia, trombo-

angeite obliterante, esclerodermia, artrite reumatóide, siringomielia, fraturas, “zamparina” (poliomielite), intoxicação por cardina, AVC (acidente vascular cerebral), hanseníase, porfiria cutânea tarda.

Faremos, aqui, uma análise sumária das duas últimas.

Hanseníase

Analizando a descrição de Bretas, observamos que as lesões apresentadas pelo Aleijadinho ocorreram em três áreas do corpo: na face, nas mãos e nos pés. Uma forma da hanseníase, das mais frequentes, caracteriza-se por apresentar lesões em nervos periféricos exatamente nas regiões citadas. As lesões descritas correspondem às provocadas pelos nervos mais atingidos na hanseníase

Descrição das lesões da face, por Bretas:

“As pálpebras inflamaram-se, e permanecendo neste estado, ofereciam à vista sua parte interior; perdeu quase todos os dentes, e a boca entortou-se, como sucede frequentemente ao estuporado; o queixo e o lábio inferior abateram-se um pouco; assim, o

olhar do infeliz adquiriu certa expressão sinistra e de ferocidade, que chegava mesmo a assustar a quem quer que o encarasse inopinadamente. Esta circunstância, e a tortura da boca, o tornavam de um aspecto asqueroso e medonho.” (R. J. F. Bretas).

A descrição mostra, com clareza, que Aleijadinho apresentava paralisia facial unilateral. Essa paralisia é consequente a uma lesão do nervo facial, nervo motor bastante atingido pelo bacilo causador da hanseníase.



Arquivo do Autor

Descrição das lesões das mãos, por Bretas:

..”os (dedos) das mãos atrofiaram-se curvaram, e mesmo chegaram a cair, restando-lhe somente, e ainda assim quase sem movimento, os polegares e os índices. As fortíssimas dores que de contínuo sofria nos dedos, e a acrimônia do seu humor colérico o levaram por vezes ao excesso de cortá-los ele próprio, servindo-se do formão com que trabalhava! (R. J. F. Bretas)

No membro superior, o ner-

vo mais atingido na hanseníase é o nervo ulnar, que tem função motora e sensorial. Por isso, quando lesado, a área por ele inervada apresenta paralisia e anestesia. Esse nervo é responsável pela inervação motora e sensitiva da musculatura da metade da mão do lado oposto ao do polegar, correspondente à parte carnosa chamada eminência hipotenar, aos dois dedos mais distantes do polegar e à metade do dedo médio. Exatamente a

área mutilada de acordo com a descrição. Na hanseníase, a neurite provocada pelo bacilo leva a transtornos motores e sensoriais típicos: os músculos da mão, inervados por suas terminações, atrofiam-se e a área perde a sensibilidade térmica, dolorosa e tátil. O relato de Bretas mostra que os dedos mais atingidos do artista são os inervados pelo ulnar. Esse fato já é um forte indício de que o Aleijadinho fora portador de hanseníase.

O nervo mediano é também motor e sensorial. Ele inerva o outro lado da mão, ou seja, o lado do polegar (a eminência tenar, o dedo polegar, o indicador e metade do médio). Geralmente, ele é atacado pelo bacilo de Hansen com menos frequência e mais tardiamente do que o nervo cubital. A lesão do mediano resulta em paralisia do polegar e do indicador, com anestesia e atrofia da musculatura correspondente. A parte carnosa desse lado da mão, a eminência tenar, achata-se e atrofia-se.

Como a lesão do nervo mediano ocorre depois da lesão do cubital, sua paralisia geralmente acontece após a paralisia cubital. A paralisia do mediano leva o polegar a perder seu tônus e a colocar-se no mesmo plano dos demais dedos.

Em seus relatos, Bretas não deixa dúvidas de que os dedos de Aleijadinho inervados pelo mediano foram menos atingidos que os inervados pelo ulnar, tal como ocorre na hanseníase. Observa-se, então, um detalhe que merece um comentário especial. O biógrafo afirma que:

“As fortíssimas dores que de contínuo sofria nos dedos, e a acrimônia do seu humor colérico o levaram por vezes ao excesso de cortá-los ele próprio, servindo-se do formão com que trabalhava!”

Na realidade, Aleijadinho amputava os próprios dedos pelo motivo oposto, ou seja, porque tinha as mãos anestesiadas. Aleijadinho deve ter tido vários ferimen-

« As fortíssimas dores que de contínuo sofria nos dedos, e a acrimônia do seu humor colérico o levaram por vezes ao excesso de cortá-los ele próprio, servindo-se do formão com que trabalhava! »

tos, sem os sentir. Esses ferimentos levam a infecções secundárias e a reabsorções ósseas que destroem o arcabouço ósseo do dedo. Ora, um dedo sem sua estrutura óssea é um estorvo para quem trabalha em escultura. Por outro lado, esse dedo pode ser amputado facilmente, sem dor, por estar anestesiado.



Quanto às lesões dos pés, Bretas descreveu:

“O certo é que, ou por ter negligenciado a cura do mal no seu começo, ou pela força invencível do mesmo, Antônio Francisco perdeu todos os dedos dos pés, do que resultou não poder andar senão de joelhos...”

Um dos nervos dos membros inferiores atingidos

pelo bacilo de Hansen é o tibial posterior que é preponderantemente sensorial. Sua lesão resulta em anestesia da planta do pé. Os ferimentos não sentidos e infectados levam às reabsorções ósseas, com a consequente perda de ossos metacarpianos e falagianos e a úlceras profundas.

A análise acurada dos textos de Bretas leva-nos a concluir que as lesões encaixam-se entre as mais frequentes apresentadas na hanseníase. Acredita-se, portanto, que Aleijadinho foi portador de hanseníase, mais precisamente da forma dimorfa da doença.

Porfíria cutânea tarda

« ... a razão da aparente misantropia do Aleijadinho tenha sido outra ... de que ele possa ter sido portador da chamada porfíria cutânea tarda. A manifestação mais gritante dessa doença é a extrema sensibilidade à luz solar. As mais discretas exposições à luz do sol, nessa doença, provocam graves lesões que podem chegar a mutilações. »

Como já dito, Aleijadinho cobria todo o seu corpo. Trabalhava protegido por um toldo e saía para o trabalho de madrugada, antes do alvorecer. Só retornava depois do escuro da noite. Raramente saía de dia. Nas raras ocasiões em que isso ocorria, tocava seu cavalo a galope, para chegar logo em sua casa.

Bretas atribuiu essas estranhas atitudes do Aleijadinho

ao desejo de se ocultar, para que suas lesões não fossem vistas, pois, caso contrário, ele seria motivo de curiosidade, desprezo ou mesmo de zombarias.

Há, no entanto, uma forte possibilidade de que a razão da aparente misantropia do Aleijadinho tenha sido outra. Os ossos dele têm uma cor avermelhada. Só existe uma classe de doenças que

dá essa tonalidade aos ossos e dentes: são as porfirias. No caso do nosso personagem, o tipo de porfíria de que ele possa ter sido portador é a chamada porfíria cutânea tarda. A manifestação mais gritante dessa doença é a extrema sensibilidade à luz solar. As mais discretas exposições à luz do sol, nessa doença, provocam graves lesões que podem chegar a mutilações.



Nas fotos, a exumação do artista.

«As atitudes estranhas do Aleijadinho levam a pensar que ele procurava se esconder, de fato, não das pessoas, mas da luz solar.»

As atitudes estranhas do Aleijadinho levam a pensar que, talvez, ele procurava se esconder, de fato, não das pessoas, mas da luz solar.

O primeiro médico a suspeitar que Aleijadinho poderia ser portador de porfiria foi o professor Paulo da Silva Lacaz, que examinou os ossos do artista. Com autorização da Cúria Metropolitana de Mariana e da diretoria regional do IPHAN, organizamos uma equipe para proceder a novos exames das ossadas.

Entre os ossos examinados havia ossos avermelhados de um homem idoso, mestiço e de baixa estatura.

Em 1952 houve uma epidemia de porfiria cutânea tarda na Turquia, em consequência de intoxicação pelo hexaclorobenzeno (BHC). Na necropsia realizada desses casos

revelou-se a presença de ferro em grande quantidade nos órgãos de todos os corpos examinados. Suspeitamos que o metal poderia estar presente em quantidades substanciais nos ossos dos portadores de porfiria cutânea tarda.

Como entre os ossos exumados, por nós examinados, havia ossos avermelhados de um adulto idoso e mestiço, decidimos pesquisar a presença de ferro nesses ossos e dosar o teor do metal encontrado.

Os ossos normalmente não contêm ferro, ou podem conter vestígios do metal (menos de 1 mg para cada Kg de osso).

Duas vértebras do corpo do idoso exumado foram encaminhadas para o Laboratório de Física da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de

Ribeirão Preto, da USP. Aí, foi determinada a concentração de ferro por espectroscopia de absorção atômica e por espectroscopia óptica. Foram enviadas amostras também ao Instituto de Pesquisa em Energia Nuclear (IPEN), em São Paulo, para confirmação dos resultados.

Esses exames mostraram altas concentrações de ferro nas vértebras examinadas: 205 e 340 microgramas Fe/g ou sejam: entre 205 e 340 mg/kg. Segundo dados colhidos no livro *Reconstruction of Life From the Skeleton*, de Alan R. Liss, a concentração de ferro é de 0 mg/Kg.

De acordo com dados colhidos na 2ª edição (volume 1) de *Foods & Nutrition Encyclopedia*, o teor médio de ferro em ossos secos de animais é de 0,088 mg/ Kg (ou 0,088 microgramas/gr).

Dúvida

Os ossos normalmente não contêm ferro, mas foram encontradas grandes quantidades nos órgãos examinados de pessoas atingidas pela porfiria, numa epidemia que ocorreu na Turquia, devido à intoxicação pelo hexaclorobenzeno (BHC). Do mesmo modo, foram encontradas grandes quantidades desse metal nos ossos do corpo de um homem idoso e mestiço

que foi enterrado no túmulo onde Aleijadinho fora inumado.

Temos dúvida de que o ferro encontrado nos ossos examinados seja consequência de porfiria. Não se pode descartar a possibilidade de ser devido à absorção, pelos ossos, do ferro do solo ouropretano, muito rico desse metal. Os hábitos do escultor, aliados ao

fato de ele ter ossos avermelhados, com alto teor de ferro, e de ter sofrido mutilações nas áreas expostas do corpo, levam a admitir que ele possa ter sofrido de porfiria cutânea tarda.

Entretanto, ainda restam dúvidas, pois a porfiria não pode ser responsabilizada pelas graves lesões que Aleijadinho apresentava nos pés.

Conclusão

Acreditamos que Aleijadinho foi portador de hanseníase dimorfa, pois as lesões descritas por seu biógrafo são claramente compatíveis com as apresentadas pela forma dimorfa da hanseníase. Por outro lado, com base nos hábitos extravagantes do escultor e com a cor avermelhada dos seus ossos, admitimos que ele possa, também, ter sido portador de porfiria cutânea tarda.

Contudo, não descartamos a possibilidade de Aleijadinho ter sido também portador de poliomielite, na infância ou na adolescência. Nesse caso, essa doença teria sido a razão do apelido de Antônio Francisco Lisboa.





Altar na Igreja Nossa Sra. da Conceição, de Ouro Preto, próximo ao túmulo de Aleijadinho

Referências bibliográficas

ARNOLD, W. N. – The Lancet – vol 347 – 1996
BARBOSA, Waldemar de Almeida – O Aleijadinho de Vila Rica – Ed. Itatiaia – Belo Horizonte – 1984
BAZIN, Germain – O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil – 2ª edição – Ed. Record – Rio de Janeiro, 1963
BRETAS, Rodrigo José Ferreira - Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa – apud Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho – Publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Nº 15
CORREA NETO, Alípio – A Doença do Aleijadinho – Ed. Mestre Jou – São Paulo
ENSMINGER, A. H. & ENSMINGER, M. E. & KONLANDER, J. E. & ROBSON, R. K. – Foods and Nutrition Encyclopedia
FERREIRA, Delson Gonçalves – O

Aleijadinho – RONA Editora – Belo Horizonte – 2001
FURTADO, Tancredo Alves – Aleijadinho e a Medicina – Centro de Estudos Mineiros (UFMG) – Belo Horizonte - 1970
GAMA, Geraldo Guimarães da – Os Mistérios na Vida do Aleijadinho – Edições CLA – Belo Horizonte – 2004
JARDIM, Márcio – Aleijadinho, uma síntese histórica – p.42 - Ed. Stellarum – Belo Horizonte – 1995.
JORGE, Fernando – O Aleijadinho – Ed. DIFEL
JOSÉ, Oiliam – Tiradentes – Ed. Itatiaia – Belo Horizonte – 1985
LISS, Alen R. – Reconstruction of Life From the Skeleton
MARTINS, Wilson – História da Inteligência Brasileira – 4ª edição – T. A. Queiroz, Editor – São Paulo – 1992.
MENEHELLI, Ulisses; CARNEIRO, A. Adilton; CARVALHO, G. Barroso

- Concentração de Ferro em vértebra do Aleijadinho: um subsídio para a hipótese de porfria cutânea tarda como uma de suas doenças – Jornal Brasileiro de História da Medicina – vol 6, suplemento 1 – nov/2 – Salvador
PASSIG, Antônio Alves – Ainda a Moléstia do Aleijadinho – Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais – Belo Horizonte – 1944
PENALVA, Gastão – O Aleijadinho de Vila Rica – Ed. Renascença – Rio de Janeiro – 1933
SAINT-HILAIRE, Auguste – Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais – Editora Itatiaia – BH - 1975
THOMAS, Peggy – Talking Bones – Facts ad Files Inc. – 1995
VASCONCELOS, Sylvio de – Vida e Obra de Antônio Francisco Lisboa – Cia. Editora Nacional - 1979.



ARCÁDIA DE MINAS GERAIS

*Com grande júbilo a
Arcádia de Minas
Gerais, presidida por
Marco Aurélio Baggio,
juntamente com os
demais membros, saúda
o recém criado Instituto
Nacional de
Desenvolvimento e
Integração Cultural*

Ilustres Imortais em Mariana e Ouro Preto

Eugênio Ferraz*



A primaz de Minas, Mariana, e Ouro Preto, a primeira cidade brasileira Patrimônio Cultural da Humanidade, receberam, no dia 05 de julho de 2009, a importante visita de imortais da centenária aniversariante Academia Mineira de Letras, liderados pelo seu presidente, ex-ministro e ex-senador Murilo Badaró.



Com este artigo, preparado quando da citada visita, pretendemos homenagear Murilo Badaró. Seu sucessor, Miguel Augusto Gonçalves, também faleceu, pouco tempo após assumir a Academia Mineira de Letras. Completa o mandato atual o presidente Orlando Vaz.

*Diretor executivo da Memória Cult



Foto: Roberto Ribeiro

Na chegada a Mariana, fomos todos, inclusive estranhos ao fardão, como o radialista Acyr Antão e eu, recebidos pelo prefeito Roque Camêllo nas instalações do Centro de Atendimento ao Turista, a seguir na Academia Marianense de Letras. Nesta tivemos a oportunidade de presenciar homenagens prestadas pela professora Marly Moisés ao centenário do Sodalício e que também reverenciou Alphonsus de Guimarães. Se-

guiu-se, em agradecimento, a fala do Presidente da AML, Murilo Badaró.

No túmulo de Alphonsus de Guimarães, em oratórias ao sol do meio-dia, a este várias foram as homenagens, fortificadas nas falas do prefeito, do presidente da AML e de membros como o marianense Danilo Gomes - o dos poéticos artigos - e do ministro Patrus Ananias. Agradeceu, em nome da família, Alphon-

sus Neto que estava acompanhado de outros familiares do famoso simbolista.

Já em Ouro Preto, em almoço no Restaurante Chafariz, casarão onde morou o poeta homenageado, singular local onde se conspira e respira história no aconchegante ambiente - que também retorna o tempo em sua galeria de retratos - comandado por Vicente, filho e sucessor do saudoso Orlando Troppia, a

comida mineira interligava passado e presente no requinte do lugar e na qualidade gastronômica.

Em ato na Casa dos Contos, anfitriamos o grupo historiando a trajetória do palacete fazendário, bem como divulgamos o nº7 da Revista da Casa dos Contos. Além da visita às instalações, puderam todos apreciar três exposições dos artistas Abrevalle, Lamounier e Aristóteles, este último morador de rua recém descoberto.

Ressaltamos, na oportunidade, que nos últimos cinco anos acentuou-se presença do Ministério da Fazenda no cenário ouro-pretano, localidade que aflora na maioria das pessoas um forte sentimento de resgate de nossa nacionalidade, ambiente formador de opinião singular no Brasil. Nestes recentes anos, dirigindo o Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, instalado na própria Casa dos Contos,

«... acentuou-se presença do Ministério da Fazenda no cenário ouro-pretano, localidade que aflora na maioria das pessoas um forte sentimento de resgate de nossa nacionalidade, ambiente formador de opinião singular no Brasil.»

como fizemos no início de seu resgate pelo Ministério da Fazenda, do início de 1974 a fins de 1980, e, tendo conduzido, poucos anos depois, sua completa restauração de 1983/4 – pioneira em alguns aspectos, como no trato madeireiro, com a participação do CETEC/MG, IEPHA/MG e IPHAN - pudemos implementar diversas ações anteriormente projetadas, conforme explicamos.

Esclarecemos que neste período, fizemos com que o importante monumento de Ouro Preto, em atenção aos anseios e reclamos da sociedade, passasse a funcionar todos os dias do ano e também em estendido horário.

Assim, a Casa dos Contos, em contínuo processo de organização, certamente a atrair atenções outras, cuja completa história registramos paulatinamente em quase quarenta anos de estudos concomitantes a trabalhos e pesquisas, resultando em mais de uma dezena de livros, o último deles ganhador de uma das duas premiações do IHGB em conjunto com os IHG do país e, também, na revista que lhe toma emprestado o nome, reverenciada por historiadores e intelectuais pela excelência e profundidade dos artigos assinados por colaboradores que lhe agigantam, tornou-se um local ímpar de concentração e irradiação cultural.



Foto: Roberto Ribeiro

A Casa dos Contos - construída no sonho de um visionário, Macedo, citado nas Cartas Chilenas em que Critilo versifica dizendo que no meio desta terra há uma ponte, em cujos extremos se levantam, de dois grossos rindeiros as moradas, em direta referencia ao contratador, menos homem de negócios que homem de sensibilidade nas sábias palavras de Afonso Ávila, desta edificação e de todos nós o poeta maior - está agora plenamente ocupada, ao contrário de até há pouco, com mostras permanentes em vias de serem atualizadas pelas entidades parceiras Casa da Moeda do Brasil, sua ocupante no século XIX e Banco Central do Brasil. Ainda por vir, outras instituições.

Conta o Museu com novas áreas culturais na ala desocupada pela Agencia da Receita Federal que lhe preservava as origens fiscais. Entretanto, após a fusão com a Previdência a Agência se instalou em local mais espaçoso e propiciou, assim, maior florescimen-

to e efervescência cultural ao monumento que incorpora e agrega valores contemporâneos à sua própria dinâmica histórica de culto, no vislumbre de João Rodrigues, à beleza, ao majestoso, ao imponente. Enfim, às artes e cultura nacional, como descrito em sua missão. Tudo isto sem perda dos registros de sua memória e das suas origens fazendárias e fiscalistas como os que são feitos em microfilmes e digitalizações. Tais ações e seus resultados permitem-nos a tranqüilidade acerca do resgate do projeto maior de Tarquínio, meu mestre do conhecimento histórico e fraterno amigo, cujo privilégio da convivência e ensinamentos fez aflorar em mim suas arraigadas e seguras convicções democráticas e a certeza na recuperação historiográfica e arquivística pelo Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, ali instalado. Na sua fala, o prefeito Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, também imortal, acompanhante da comitiva desde Mariana, que magistralmente ilustrara todo o trajeto discor-

«Casa dos Contos, um local ímpar de concentração e irradiação cultural.»

rendo sobre cada pedaço de terra, sobre as histórias, atos e fatos ocorridos após cada curva de estrada que sobe centenas de metros em curta distância, ressaltou a interligação das duas singularíssimas e primeiras cidades que se confundem na própria história. Saliентou que se Ouro Preto deu a Mariana Alphonsus de Guimarães, Mariana deu a Ouro Preto Cláudio Manoel da Costa naquele mesmo dia completando 280 de nascimento e que, Inconfidente, morreu, ou matado foi, na própria Casa dos Contos de Ouro Preto, há 220 anos, na madrugada de 4 de julho de 1789. Discorrendo sobre a história marianense, ouropretana, mineira e brasileira, Ângelo contextualizou também,



Foto: Roberto Ribeiro



«O Acadêmico e Jornalista Eduardo Almeida Reis, por delegação de Murilo Badaró, fez a saudação a todos.»

os ascendências e ações de imortais do grupo, dentre os quais o ex-governador Francelino Pereira, o Pe José Carlos Brandi Aleixo, Olavo Romano, José Bento Teixeira de Salles acompanhado de sua esposa, Maria Amélia Teixeira de Salles, Fábio Proença Doyle, Ricardo Malheiros Fiúza, Patrus Ananias; José Maria Moreira, filho do presidente perpétuo da Academia, Vivaldi Moreira, Yêda Prates Bernis e o presidente

Murilo Badaró, a todos encantando com sua empolgante retórica e profundo conhecimento de nossa história e origens.

A saudação a todos, por delegação de Murilo Badaró, foi feita pelo acadêmico e jornalista Eduardo Almeida Reis, agradável companhia ao sol intenso do início de tarde em Mariana quase a nos provocar, metaforicamente, um tiro e queda no

cemitério em que nos encontrávamos, bem vivos, assistindo às justas homenagens a Alphonsus. Ele Eduardo, que é na minha casa lido e relido por todos, em seu estilo agradavelmente inconfundível e cheio de graça e temperança no jogo das palavras e frases espirituosas, relatou suas andanças filosóficas e de trabalhos, aos sons de apitos de Marias, várias fumacentas, por Mariana e Ouro Preto.

A visita seguinte foi ao Museu da Inconfidência. Recebidos por Rui Mourão, a grandiosidade do Museu, na chegada em fim de tarde, teve o colorido do céu que emoldurava o cenário ainda mais aumentado pela chegada de Carlos Bracher. Artista maior que tanto encanta com sua alegre figura, misturando, no nosso imaginário àquela cena, as cores e brilhos dos sonhos que transpõe para seus quadros carregados de marcantes emoções nas deslumbrantes pinceladas em céus e terras, fortes, tensas e inconfundíveis.

Pela manhã, em Mariana, pelo adiantado da hora, fora cancelada a visita ao Museu de Música, exemplo único do tema, recém inaugurado.

Depois, início da noite, em Ouro Preto, pela mesma razão de horário, pelo risco do não acordar após meia hora de viagem e pelo natural cansaço do grupo – mais resistente, porém, que excursionistas colegiais - comandado por Petrônio Gonçalves, assessor de imprensa e Carmem dos Santos, secretária da AML, foi cancelada a visita ao Museu das Reduções, em Amarantina, oportunidade

única de se conhecer vários monumentos do Brasil em um só lugar através da singular visão de quase 30 edificações tombadas de norte a sul do país.

Aqui finda esta história. Finda está! Reescreva-se a história (ou a viagem). Questionarei? Não sei! Ou não!!??, como diria Caetano, em lembrança, acompanhada de sua contagiante e envolvente risada, do acadêmico Olavo Romano, quase ao final desta singular, agradável, divertida e enriquecedora viagem comandada pelo imortal Murilo Badaró.



Foto: Roberto Ribeiro

Os grandes são sempre maiores. De perto, agigantam-se, aprumam vôos, fazem sombra sem nunca nos privar de sua luz. Assim vi, ouvi e convivi com o presidente da Academia Mineira de Letras, assim conheci o ser humano Murilo Badaró, ex-ministro e ex-senador da República.



Quando os pássaros adormecem

Sua vida foi, verdadeiramente, um palco iluminado, ora pela política, ora pelas apresentações como cantor de ópera, quando usava o pseudônimo de Ricardo Villas e arrebatava multidões na Belo Horizonte dos anos 50. Seu talento era tanto, que um parceiro de palco me confidenciou: "Por maior político que o Murilo tenha sido, ele nunca iria superar o barítono que era!"

* jornalista e escritor

Seu grande projeto era comemorar os 80 anos, em 2011, com uma grande festa, quando distribuiria um cd com suas óperas resgatadas. Ao imaginar o evento, finalizava: "Será que eu vou conseguir chegar até lá?"

Fez da voz a sua espada, da palavra o seu caminho e duelou com o mundo à sua volta. Jovem deputado estadual, depois de se aconselhar com o pai, tomou a tribuna

Petrônio Souza Gonçalves*

da Assembleia Legislativa de Minas Gerais para protestar contra a cassação de Juscelino. Discurso este que os militares nunca perdoaram. Depois, como deputado federal, votou contra a cassação de Márcio Moreira Alves, o que quase lhe fez perder o mandato. Ao saber que quem o salvou das garras militares foi o adversário e vice-presidente Pedro Aleixo, foi agradecê-lo, quando ouviu de Aleixo: "Que isso, essa reunião foi



«...Quando tudo parecia esgotado, ele se lembrava de alguém, ligava e tudo renascia. Era um parceiro perfeito...»

secreta, portanto, ela nunca aconteceu. Se ela não aconteceu, não tem nada que agradecer meu filho”.

Muito poderia dizer do homem público, dos vários cargos e mandatos, do escritor de várias obras e premiadas biografias, do acadêmico respeitado que tinha como chave da porta para as realizações dos nossos sonhos e projetos junto à Academia Mineira de Letras apenas um telefonema inesperado. Quando tudo parecia esgotado, ele se lembrava de alguém, ligava e tudo renascia. Era um parceiro perfeito. Eu, seu funcionário, sempre me convidava para acompanhá-lo nas viagens, o que era

minha obrigação. No trajeto, contava histórias, rememorava fatos, dividia confidências e inconfidências, viajava no tempo tendo ao lado um atento e sereno passageiro.

Trazia no peito a chaga aberta que nunca cicatrizou, por ter sido impedido a se candidatar ao governo de Minas pela Arena, quando estava em sua melhor forma e a vitória lhe parecia certa. Havia visitado todas as cidades mineiras da época, em todas as regiões. Ao rememorar a campanha, me contava: “Estava em casa à noite quando recebi um telefonema de uma cidade que ainda não havia ido. Respondi: Pode ajuntar o pessoal que ama-

nhã eu estarei aí na hora do almoço”.

Esteve! Era verdade o que o seu slogan dizia: “Não importa em qual cidade de Minas que você nasceu, Murilo Badaró já esteve lá!”. Era o trenzinho das melhores tradições mineiras varrendo o interior de sua gente. Essa mágoa o consumiu até o último minuto de sua vida.

Me ensinou, em política, a diferença entre o adversário e o desleal. Me fez ler a história pelas entrelinhas. Os discursos, pelas interrogações. As versões, pelas pausas.

Fui com ele visitar antigos correligionários no Sul de



Foto: Roberto Ribeiro

Minas e pude testemunhar a comovida força da amizade que os unia, além do tempo e espaço, coisas que não existem mais. Ao final, indagou: “Como eu poderia ser político nos dias de hoje?”. Como que vencido pela imperiosa realidade, constatei: “O senhor não sabe o bem que fez a eles com essa visita”.

Certa feita, fomos a Juiz de Fora. Como era de seu feitio, chegamos antes, muito cedo. Juiz de Fora amanhecia. Sentamos em um banco da praça para ler os jornais do dia. Do outro lado da

rua, dois mendigos acordavam na praça e começaram a discutir. Um deles veio até nós e perguntou ao Murilo: “O senhor é adevolgado ou juiz?” Murilo respondeu: “Sou padre. Este aqui é meu sacristão”. “Uai, então me dê uma bençãozinha aqui seu padre!” Murilo fez o sinal da cruz no ar e falou: “Vá em paz e que Deus te acompanhe.” O mendigo voltou para onde estava seu companheiro e falou baixinho: “Hoje estou com sorte, fui abençoado pelo padre Murilo Badaró”.

Ultimamente, estava de volta ao bom e velho combate,

motivado pelo convite do ex-presidente Itamar Franco para compor a chapa de Itamar como suplente na candidatura ao Senado. E não parava de idealizar projetos. Imaginava fundar uma editora, tendo a participação de um dileto amigo. Queria dinamizar a Fundação das Academias de Letras de Minas Gerais, criada por ele em 2009, com o nome de FALEMG.

Na segunda-feira, dia 14 de junho, não foi à Academia. Às 18h terminamos nossa ligação aos risos. Às 19h45, foi encontrar-se com o pai e o

avô, no céu, só faltou combinar com a gente. O infarto foi fulminante. Quando cheguei a sua casa, dona Lucy, sua esposa, estava abraçada a ele, como que se quisesse trazê-lo para a longa caminhada, para os palcos da vida, seu lugar natural. Ela representava todos nós, mas ele já não estava mais aqui.

Murilo Badaró levou com ele um pedaço de nós, daqueles sentimentos nobres que todos os dias nutria em cada

um que estava a sua volta, indistintamente. O sentimento da boa convivência, do respeito às opiniões, do amor à literatura, do livre pensar, uma forma leve de ver o mundo e encarar a vida. A convivência com ele era uma renovada alegria, um privilégio.

Um dia, quando já tarde da noite íamos embora, na garagem cheia de carros e passarinhos, Carmen, sua secretária, acendeu a luz para abrir a

porta do carro. Ele protestou: “que isso Carmen, assim você vai acordar os passarinho”, saiu do carro e apagou a luz.

Essa é a imagem que trago dele, um homem que vôo alto mas nunca esqueceu dos passarinhos aprisionados, dos passarinhos esquecidos que não descobriram a liberdade do ar, os passarinhos do canto limitado, do vôo retido. Na verdade, acho que ele era, no mais fundo, um deles também.

Academia Mineira de Letras perde o sucessor de Murilo Badaró

A Academia Mineira de Letras teve como novo presidente o acadêmico Miguel Augusto Gonçalves de Souza, que assumiu a presidência da entidade em substituição ao senador Murilo Badaró.

Natural de Itaúna, historiador e pesquisador com várias obras publicadas, Miguel Augusto Gonçalves de Souza foi o fundador e reitor Honoris Causa da Universidade de Itaúna. Foi presidente da FIAT no Brasil, presidente da Açominas e secretário de Estado da Fazenda no governo de Magalhães Pinto, além de vários outros cargos de destaque a frente das maiores instituições mineiras.

Seu sucessor na presidência da Academia Mineira de Letras é Orlando Vaz, advogado e empresário.

IHGGMG



O Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), a mais antiga instituição cultural do Estado, já abrigou, em seus 103 anos de existência, 341 intelectuais e personalidades da cultura mineira.

Sob o firme comando do Professor Jorge Lasmar, o IHGMG tem como Presidente de Honra o Governador de Minas Gerais, Antônio Augusto Junho Anastasia.

Com grande alegria o IHGMG cumprimenta o vicejar da mais nova e brilhante instituição cultural em nossa terra: O **INDIC**, Instituto Nacional de Desenvolvimento e Integração Cultural, que ganha foros de entidade de âmbito nacional, para maior engrandecimento de Ouro Preto e Minas Gerais.

Ateus da Antiguidade e Ateus Contemporâneos

Dom Francisco Barroso Filho*

Em minha tese sobre “O ateísmo contemporâneo,” apresentada na Faculdade de Filosofia Dom Bosco, em São João Del Rey, em 1968, reservei o último capítulo, para fazer uma distinção entre ateus da antiguidade e ateus contemporâneos.

Já que me foi dada a liberdade de escolher o tema do meu modesto artigo, para ser publicado na edição de lançamento da Revista **Memória Cult**, achei por bem reproduzir, aqui, de maneira atualizada, o tema

acima enunciado: “ATEUS DA ANTIGUIDADE E ATEUS CONTEMPORÂNEOS”.

À guisa de introdução, creio ser necessário, primeiro, apresentar uma noção geral do que seja ateísmo: - É chamada de ateísmo a doutrina dos ateus. Consiste na falta da crença em Deus, atitude que leva a pessoa a dispensar a idéia ou a intenção da divindade, vista do ângulo teórico ou do ângulo prático. Do ângulo teórico, não recorrendo à divindade, para justificar ou fundamentar

suas teses. Do ângulo prático, negando que a existência de Deus exerça qualquer influência, na conduta humana.

Podemos apontar como fontes geradoras do ateísmo o agnosticismo, o pragmatismo e o falso humanismo. Eu disse “ falso humanismo,” para distinguir do verdadeiro humanismo que é o humanismo cristão de Jacques Maritain e de Emmanuel Mounier. O falso humanismo é o humanismo Marxista, de Hegel, Fenerbach e o huma-

* Bispo Emérito de Oliveira e Fundador do Museu Aleijadinho em Ouro Preto

Emmanuel Mounier e Jacques Maritain representam o verdadeiro humanismo



nismo ateu, propriamente dito, de Sartre e Nietzsche.

A concepção do homem que tinham os filósofos da antiguidade, era uma concepção incompleta, pois lhes faltava o conceito de pessoa; e talvez por isto, não apresentavam solução para o problema da origem e da existência humana.

Apresentadas essas noções de ateísmo, podemos, agora, falar sobre a distinção que existe, entre ateus da Antiguidade e ateus contemporâneos: Enquanto os filósofos ateus da antiguidade eram radicais e polêmicos e se empenhavam, com ardor, na busca de provas para as suas teses da “não existência de Deus”, os ateus contemporâneos agem com todo indiferentismo. Julgam uma grande perda de tempo se preocupar com o que “não existe,” com o que não lhes in-

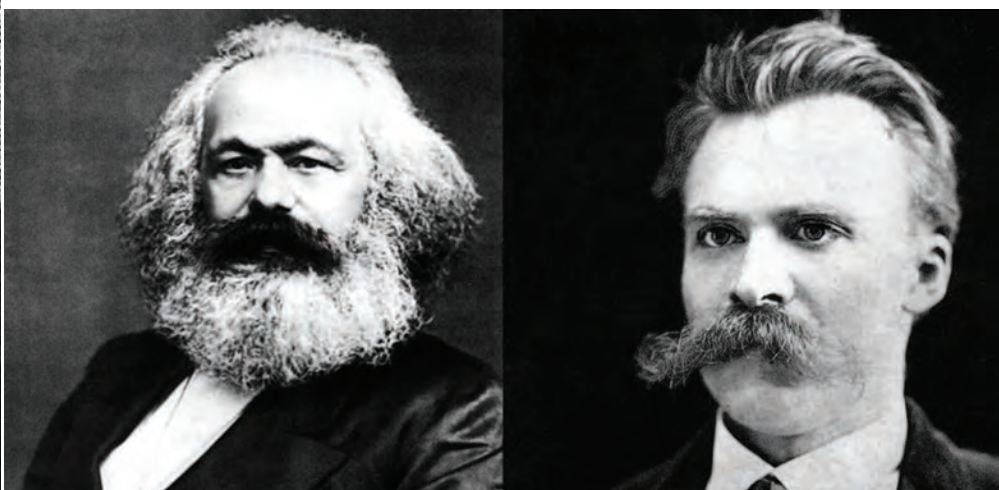
teressa. São, portanto, mais agnósticos, mais pragmáticos. Não querem discutir o assunto. Preferem a arma do desprezo, da indiferença. Os primeiros, não encontrando provas convincentes que pudessem comprovar suas teses atéias, muitas vezes, depunham as armas e se rendiam, diante da evidência e se convertiam. Já entre os ateus contemporâneos, homens da modernidade ou da pós-modernidade, passa a prevalecer o egoísmo, o individualismo, o consumismo, o ceticismo, o relativismo, o agnosticismo e assim por diante, como busca exasperada, para preencher seu vazio interior.

O século XX foi o século das ideologias massificadoras e causadoras de uma negação do humano. Mas aquelas ideologias viram, no final daquele mesmo século, um afrouxamento do pensa-

mento e a perda daquela paixão pela verdade e pela autenticidade. Em compensação, entramos, no terceiro milênio, livres, pelo menos em parte, daquela ambigüidade estrutural dos regimes totalitários e das ideologias materialistas.

Depois disto, uma conclusão podemos tirar: não há conquistas irreversíveis e, por isto, a experiência humana será sempre assinalada pela inquietação. Não foi, pois, sem razão que Santo Agostinho concluiu: “ Fizestes-nos para Vós, ó Senhor e o nosso coração estará inquieto, até que Vos encontre.” Santo Agostinho descobriu, pois, que a causa de toda inquietude do homem é a falta de Deus. Diante do desespero de um mundo sem Deus, que só vê, na morte, o final definitivo da existência, Jesus nos oferece a ressurreição e a vida eterna, na qual Deus será tudo, em todos (1Cor 15,28). Diante da idolatria dos bens terrenos, Jesus apresenta a vida em Deus, como valor supremo: “ de que vale alguém ganhar o mundo e perder a própria vida?” (Mc 8,36). Diante do

Karl Marx e Friedrich Nietzsche representam o falso humanismo



subjetivismo edonista, Jesus propõe entregar a vida, para ganhá-la, porque, “quem aprecia sua vida terrena, a perderá” (Jo, 12,25). Diante do individualismo, Jesus convoca a viver e a caminhar juntos. Com efeito, a vida cristã só se aprofunda e se desenvolve, na comunhão fraterna (DA 109 e 110).

Urge, pois, que o homem ponha o seu centro de gravidade em Deus e não em si mesmo. Com efeito, a condição primeira da fé é aceitar uma dependência, é penetrar numa ordem que não foi por nós colocada, pois a fé consiste na convicção de uma realidade que não se vê. Consiste em já possuir o que ainda se espera. Tomé viu a humanidade de Jesus e acreditou na sua divindade: “Meu Senhor e meu Deus!” Nós não vemos o Senhor, nem mesmo na Sua humanidade, mas cremos no testemunho dos Apóstolos. Isto é fé, grande dom que Deus concede a todos aqueles que, de coração sincero, O procuram. Somos felizes, porque acreditamos, sem necessidade de provas; acreditamos, sem ter visto. Tomé, apalpando as chagas

de Cristo, tornou-se testemunha do Ressuscitado e curou as chagas de nossa incredulidade.

Toda a Bíblia, do primeiro capítulo do Gêneses ao último do Apocalipse, mostra-nos um universo que Deus modelou e o confiou ao homem. Um universo, onde o homem é chamado a trabalhar com Deus.

Nós, cristãos da modernidade e da pós-modernidade, não tememos ver-nos dividi-

dos entre uma fé no mundo e uma fé em Deus. Não duvidamos escolher Deus, pois que “Deus é Amor e quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele” (Jo 4,16). Em sua primeira encíclica intitulada “Deus é amor,” o Papa Bento XVI afirma que estas palavras de São João exprimem, com clareza singular, o centro da fé cristã: a imagem cristã de Deus e também a conseqüente imagem do homem e do seu caminho. E o Papa sintetiza tudo, ao concluir: “Nós co-

Joseph Ratzinger - Papa Bento XVI



nhecemos e cremos no amor de Deus.”

Ninguém pode afirmar que sabe, em sentido estrito, que Deus não existe. Pode-se trabalhar com a hipótese de que Deus não exista e tentar, a partir dessa hipótese, explicar o universo. As ciências fundamentais modernas partem, fundamentalmente, desse pressuposto. Porém, não ultrapassam o campo do hipotético. E assim, uma explicação atéia do universo, mesmo que coerente na aparência, não leva a uma certeza científica da não existência de Deus. Com efeito, por sua própria natureza, a questão de Deus não pode se reduzir aos limites de uma investigação científica, no sentido estrito do termo.

A declaração de “ateísmo científico,” afirma Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI), é uma pretensão insensata, ontem, hoje e sempre. Diante da questão de Deus, não há neutralidade possível, para o homem que pode, unicamente, dizer sim ou não e arcar com todas as conseqüências, diante dos acontecimentos da vida diá-

«Eu não acredito que uma pessoa normal, inteligente, intelectual e bem intencionada possa negar a existência de Deus...»

ria. Eu não acredito que uma pessoa normal, inteligente, intelectual e bem intencionada possa negar a existência de Deus e viver, como se Deus não existisse. Com efeito, não pode haver dicotomia entre a razão e a fé, sem que o homem perca a possibilidade de conhecer, de modo adequado, a si mesmo, o mundo que o cerca e Deus que o criou. Acredito sim que o “deus,” que alguns negam, não é e jamais será o verdadeiro Deus, o Deus que nos foi revelado por Jesus Cristo. De fato, aquela fantasia do “deus”, “que eles repudiam, também nós repudiaríamos, pois, de modo algum, corresponde e nem poderia corresponder, ao Deus Verdadeiro, ao Deus do Evangelho, o Deus Amor, o Deus Pai Misericordioso, Deus este que se manifestou a muitos dos que, de coração sincero, O procuraram e

obtiveram dEle a graça da conversão.

Depois de tudo o que dissemos, que conclusão prática tirar? Qual Evangelho, qual Boa Nova nós, discípulos e missionários de Jesus Cristo teríamos, para levar ao mundo de hoje, sobretudo aos intelectuais da pós-modernidade? Que Deus temos, para anunciar, como boa notícia, à sociedade atual e a cada ser humano? Sem dúvida, um Deus que revele o verdadeiro e profundo sentido da vida e da realidade humana.

A primeira encíclica do Papa Bento XVI, intitulada “Deus é Amor” é uma das grandes contribuições, para um maior conhecimento do nosso Deus, o Deus Verdadeiro, O Deus dos cristãos. É este Deus que queremos anunciar ao mundo de hoje, tão necessitado de Deus.



Estalagem da Varginha do Lourenço



Centro de Conspiração do Movimento Inconfidente

Marcos Paulo de Souza Miranda*

Na divisa das antigas Freguesias de Nossa Senhora da Conceição de Carijós (atual Conselheiro Lafaiete) e Santo Antônio de Ouro Branco (Ouro Branco), às margens da antiga Estrada Real, que ligava Vila Rica ao Rio de Janeiro, ficava a afamada Estalagem da Varginha do Lourenço, ponto estratégico de parada e pouso para os tropeiros e viajantes que percorriam o coração das Minas Gerais do século XIX.

* Coordenador das Promotorias de Defesa do Patrimônio Histórico e Turístico de Minas Gerais, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

Segundo o Arquivo Histórico Ultramarino, seu mais antigo proprietário foi Lourenço Fernandes Carianno, de origens açorianas, que, em 1759, obteve carta de sesmaria na localidade da Varginha de "hum sitio na dita paragem que se compõe de terras de roça, matos, capoeira, campos e seus logradouros que confrontava do nascente com o Capitão Silvestre da Silva Araújo, do poente com Gonçalo Azevedo, do norte com a sesmaria de Francisco Gonçalves Ribeiro e do Sul com João Gonçalves Reis". A sesmaria foi confirmada em 8 de junho de 1770, por Dom José I. A propriedade foi descrita como "meia légua de terra em quadra na passagem da Varginha, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Carijós, Termo de Vila Rica".¹



Estalagem da Varginha do Lourenço (final séc. XIX), que foi visitada por Dom Pedro II em 1881

O estabelecimento estalajadeiro, que tinha sua sede em uma casa avarandada de boas proporções, onde eram servidas refeições e oferecida hospedagem aos viajantes, pertencia no fim do século XVIII a João da Costa Rodrigues, que viria ser um dos inconfidentes, nasceu em Ouro Preto por volta de 1744 e foi degredado em 1792 para Mossuril, Moçambique, onde faleceu e foi sepultado no interior da Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Como Comandante do Destacamento de tropas que guarneciam o Caminho Novo, o Alferes Joaquim José da Silva Xavier tinha por missão impedir a ação de malfeitores que infestavam a região da Serra da Mantiqueira. Em razão disso, Tiradentes pernoitava com frequência na Estalagem da Varginha do Lourenço, o que acabou por transformar o local em um importante centro de conspiração do movimento inconfidente³.

Ilustração de Angelo Agostini (1881) dos bancos e da mesa da Estalagem e que foram utilizados pelos Inconfidentes Mineiros



A noite de 22 de dezembro de 1788, o inconfidente Antônio de Oliveira Lopes pousa na estalagem, então pertencente ao João da Costa Rodrigues, onde se encontrava um clérigo – possivelmente o padre e inconfidente Manoel Rodrigues da Costa – e o Alferes Tiradentes, que ali ceou, afirmou que Minas poderia se transformar em uma florescente República e levantou um brinde aos novos governadores que haviam de assumir os rumos da Capitania de Minas Gerais. Antes, bradou que “os filhos de Portu-

gal eram senhores do ouro que se tirava nesta terra”⁴. Tiradentes conseguia ali a adesão de mais três conjurados.

Em 1789, já descoberta a conspiração, o Tenente Cel. Basílio de Brito Malheiro Lago dirige-se à Estalagem a mando do Visconde de Barbacena, para espionar seu dono, João da Costa Rodrigues, e descobrir quais conversas haviam sido travadas no local por Tiradentes⁵.

No fatídico dia 21 de abril de 1792, no Campo da Lam-

padosa, Rio de Janeiro, há o cumprimento da pena de morte imposta ao Alferes Tiradentes. A decisão determinava que “... separada a cabeça do corpo seja levada a Vila Rica, onde será conservada em poste alto junto ao lugar de sua habitação, até que o tempo a consuma; que seu corpo seja dividido em quartos e pregados em iguais postes pela entrada de Minas, nos lugares mais públicos, principalmente no da Varginha ...”, o que vem a demonstrar a importância da Estalagem no movimento inconfidente⁶.

Centro Cívico Cultural

Em abril do ano passado, a siderúrgica Aço Minas S/A, proprietária do imóvel, doou o sítio da Varginha do Lourenço à Ordem dos Cavaleiros da Inconfidência Mineira, instituição que desenvolve projeto para ali instalar um Centro Cívico Cultural, visando a promoção de estudos e a divulgação dos ideais daqueles homens que falavam “no modo porque a América se podia fazer República”; daqueles que pretendiam caminhar com o povo para a vitória aos gritos de “Viva a Liberdade”; daqueles que escolheram

para a sua bandeira – que não pôde servir-lhes de mortalha – um triângulo e um dístico latino que de novo reclamava a liberdade, por tardia que fosse.

Com a instalação do Centro Cívico, a Estalagem da Varginha do Lourenço irá se transformar no mais marcante e genuíno exemplo de que os ideais inconfidentes continuam a pulsar no sangue da gente mineira, que sempre lutou e lutará em busca de Igualdade, Liberdade e Fraternidade.

Em princípios de 1792, chegava à Estalagem o mórbido cortejo vindo do Rio de Janeiro, integrada por três oficiais de justiça e pelo carasco Capitania, escoltados pelo Esquadrão do Vice-Rei. Depois de deixar partes do corpo de Tiradentes pelo caminho, o último quarto – a perna direita, até onde se sabe – foi exposto na Varginha do Lourenço, seguindo a comitiva para Vila Rica, onde ficaria exposta a cabeça do Mártir da Liberdade⁷.

No início do século XIX, o local continuou sendo parada obrigatória entre o Rio de Janeiro e Ouro Preto, sendo visitado por diversos cientistas que cruzaram a região à época. Em 1810, passou pela Varginha do Lourenço o inglês John Mawe, registrando a existência de muitas lavras de ouro (Lavras da Varginha) em seu entorno⁸. Em 1818, foi a vez de se hospedar no rancho da Varginha o médico e botânico austríaco Johann Emanuel

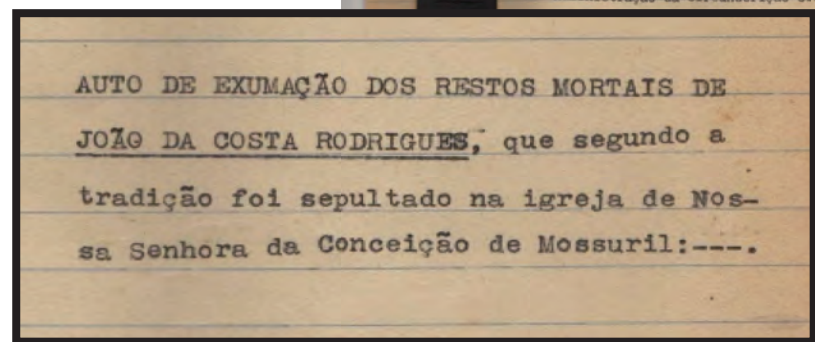
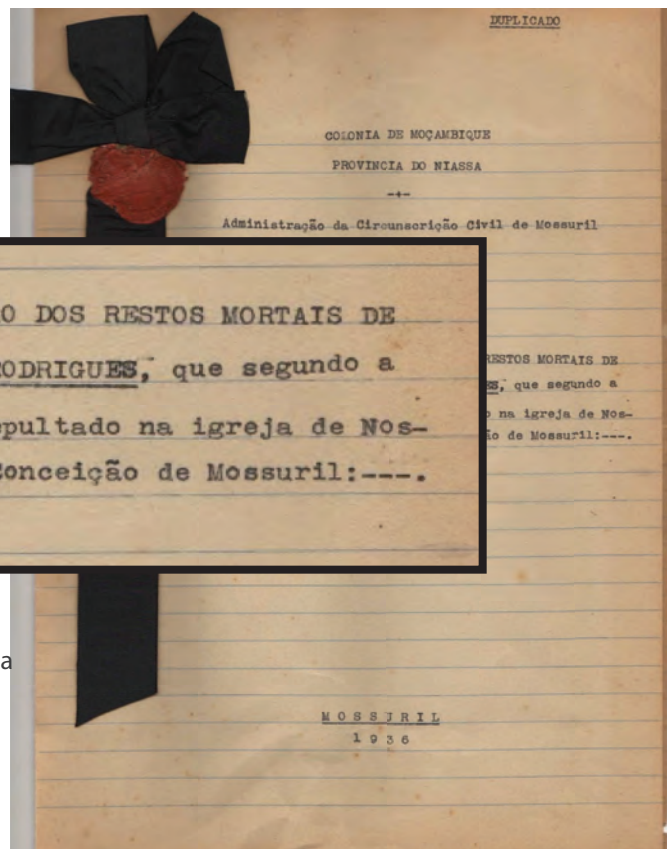
Pohl, que registrou a existência de muitas lavras, pomares fechados com chapas de pedra sabão e uma forja⁹.

Em 1855, o naturalista suíço Barão Johann Jakob Von Tschudi registrou em seu diário que a casa, apesar de convidativa, estava tomada por soldados que ali faziam

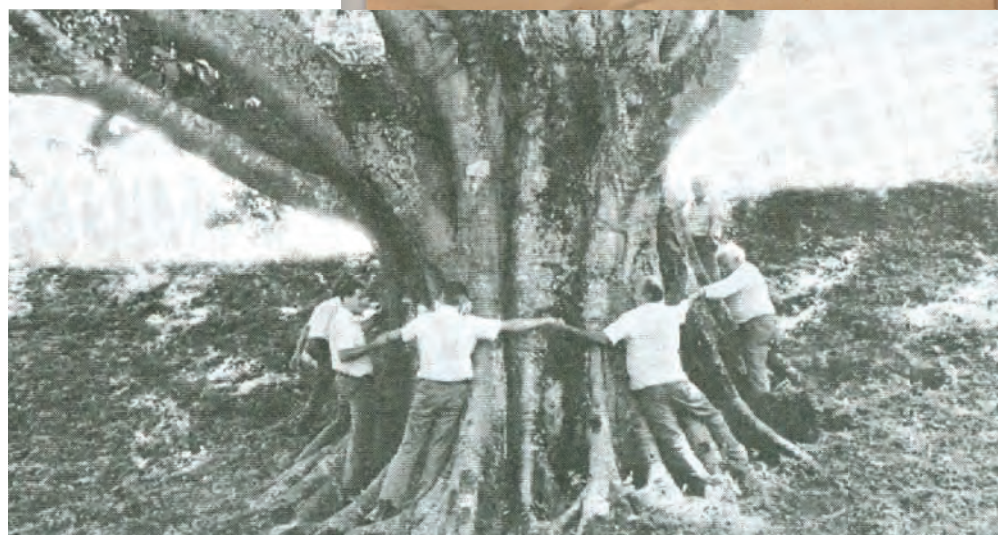
o seu pouso noturno, não sendo encontrado no local milho para os animais ou comida para a comitiva, que marchou até o vilarejo de Carreiras do Ouro Branco¹⁰.

Em 1856, a Fazenda da Varginha, então de propriedade de Manoel Alves Dutra, com seus 50 alqueires de campos

Capa do Auto de Exumação dos restos mortais do inconfidente João da Costa Rodrigues, antigo proprietário da Estalagem da Varginha.



A "Gameleira da Liberdade" existente no Sítio da Varginha do Lourenço fez sombra sobre o corpo esquartejado de Tiradentes e é a única testemunha viva do Movimento Inconfidente.



e matos, confrontava com Joaquim Baeta e Francisco Joaquim. O proprietário havia adquirido de Dona Maria Duarte e seus herdeiros¹¹. Tamanha era a importância do Sítio da Varginha que, durante viagem em março de 1881, o Imperador Dom Pedro II fez questão de visitar e conhecer de perto a antiga hospedaria, deixando registrado em seu diário: “Varginha. Casa onde se reuniam os inconfidentes. Pertencia então a um hospedei-

ro de nome João da Costa. Vi a mesa e bancos corridos, de encosto, onde se assentavam. São de maçaranduba e estão colocados na varanda”¹².

O repórter, desenhista e editor da Revista Ilustrada, Angelo Agostini, que acompanhou a comitiva imperial, registrou no número 244 de seu periódico publicado em 1881: De Queluz para Ouro Preto paramos a Imperatriz, eu e o Imperador numa ve-

lha casa, onde vimos os bancos e a velha mesa histórica em torno da qual se fizeram as conferências dos Inconfidentes. A mesa e os bancos de maçaranduba são toscos mas firmes, sólidos, inquebrantáveis como os corações daqueles que primeiro sonharam a liberdade da pátria. Foi cheio de veneração que me aproximei daqueles móveis sagrados...¹³

O mesmo fascínio a velha estalagem provocou no es-



«...o Imperador Dom Pedro II fez questão de visitar a antiga hospedaria, deixando registrado em seu diário: “Varginha. Casa onde se reuniam os inconfidentes”.»

Como Comandante da Patrulha do Caminho Novo Tiradentes pousava com frequência na Estalagem da Varginha.

pírito de Augusto de Lima Júnior, que no Diário Oficial do Estado de 18 de abril de 1970, depois de romancear os momentos de Tiradentes no interior da vivenda, finalizou: “A casa da Estalagem da Varginha caiu. Mas a lembrança do episódio ficou nas almas dos que cultuam a memória dos que sofreram pela Liberdade”.¹⁴

Em 29 de agosto de 1935, a propriedade, que pertencia a Dona Georgina Augusta de Campos, residente na cidade de Entre Rios de Minas, foi colocada à venda mediante anúncio no jornal *Queluz de Minas*, que chamava a atenção para a “história da Fazenda da Varginha, com 68 alqueires em matas, 20 em

culturas e o restante em campos e pastos”.

Em 1989, a Gerdau Aço Minas, proprietária do sítio, construiu um Monumento Comemorativo ao Bicentenário da Conjuração Mineira. Integra a obra de arte um bloco de pedra sabão de meia tonelada retirado em Congonhas do Campo, onde o artista Raul Amarante Santiago cinzelou a parte inferior direita do corpo esquadreado de Tiradentes e a fachada da Estalagem da Varginha. Sob o monumento, uma urna de aço encerra documentos e mensagens para a posteridade firmadas pelos chefes dos Três Poderes do Estado de Minas Gerais, do secretário de Estado de Cultura, dos

presidentes do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, do Instituto Estadual de do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, da Açominas e do comandante da Polícia Militar.

A iniciativa da construção do monumento coube ao então presidente da Gerdau Açominas, Celso Mello de Azevedo, que levou a proposta à Comissão Coordenadora do Bicentenário, em reunião realizada em Belo Horizonte aos 07 de março de 1989, presidida pelo Ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira, onde se registrou que o marco seria “um elo entre o sonho da Fábrica de Ferro dos Inconfidentes e a Moderna Siderurgia Brasileira”¹⁵.

Ordem dos Cavaleiros da Inconfidência Mineira

A Ordem dos Cavaleiros da Inconfidência Mineira é uma instituição cívica, filantrópica e cultural que tem como pilar um dos mais importantes movimentos de Minas Gerais, a Inconfidência Mineira. É seguidora dos princípios tradicionais da Ordem dos Cavaleiros Hospitalares de Vila Rica, criada na antiga capital mineira, possivelmente pelo inconfidente Tomás Antônio Gonzaga, por volta de 1779, que atuou na época da colônia e foi berço do movimento que viria a ser conhecido por Inconfidência Mineira. Está entre as Ordens Cavalheirescas e Humanitárias de caráter liberal e independente do controle de qualquer autarquia ou organização religiosa ou filosófica. Possui sua sede, em Belo Horizonte, e o Sítio da Varginha, local onde está sendo implantado o projeto do Centro Cultural “Estalagem dos Inconfidentes”.

Frases relembando glórias

No valioso Minas Geraes em 1925, Victor Silveira registra¹⁷:

Em abril do ano passado, a siderúrgica Aço Minas S/A, proprietária do imóvel, doou o sítio da Varginha do Lourenço à Ordem dos Cavaleiros da Inconfidência Mineira, instituição que desenvolve projeto para ali instalar um Centro Cívico Cultural, visando a promoção de estudos e a divulgação dos ideais daqueles homens que falavam “no modo porque a América

se podia fazer República”; daqueles que pretendiam caminhar com o povo para a vitória aos gritos de “Viva a Liberdade”; daqueles que escolheram para a sua bandeira – que não pôde servir-lhes de mortalha – um triângulo e um dístico latino que de novo reclamava a liberdade, por tardia que fosse.

Com a instalação do Centro Cívico, a Estalagem

da Varginha do Lourenço irá se transformar no mais marcante e genuíno exemplo de que os ideais inconfidentes continuam a pulsar no sangue da gente mineira, que sempre lutou e lutará em busca de Igualdade, Liberdade e Fraternidade.

**Esta casa que traduz
O rigor da tyrannia
Ainda hoje faz tremer
O berço da monarchia**

Após a construção do Monumento, o sítio da Varginha do Lourenço, englobando as ruínas de pedra da estalagem e a velha gameleira, foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, ato de-

vidamente homologado pelo Decreto Estadual nº 29.399, de 21 de abril de 1989.

No mês seguinte foi sancionada pelo Prefeito Municipal de Conselheiro Lafaiete, Arnaldo Francisco Penna, a Lei

2.759/89 que declarou imune de corte a “Gameleira da Liberdade” que fez sombra sobre os restos mortais de Tiradentes, “em razão do seu valor histórico, beleza, raridade, localização e condição de porta sementes”¹⁶.

ALGUNS DOS PROPRIETÁRIOS DA VARGINHA DO LOURENÇO AO LONGO DOS SEUS 250 ANOS DE HISTÓRIA

1759 **Lourenço Fernandes Ciriano**

1788 **João da Costa Rodrigues**

1850 **Maria Duarte**

1881 **Manoel Alves Dutra**

1935 **Georgina Augusta de Campos**

1970 **Antônio Xisto Martins e
Francisca Pereira Martins**

1979 **Açominas S/A**

2009 **Ordem dos Cavaleiros da
Inconfidência Mineira**

Notas

¹ Arquivo Histórico Ultramarino, CD 28, CX 97, Doc. 35 – Projeto Resgate.

² Os restos mortais de João da Costa Rodrigues foram exumados em 03 de setembro de 1936, às 17 horas, em Mossuril, Moçambique, sendo posteriormente repatriados ao Brasil e depositados no Panteão do Museu da Inconfidência..

³ Dossiê de tombamento do Sítio da Varginha do Lourenço. IEPHA. Belo Horizonte, 1989.

⁴ ADIM, 2-262; 4-91

⁵ ADIM 2-451.

⁶ ADIM, 7-282

⁷ ADIM, 9-150

⁸ Viagens ao interior do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978, p. 119.

⁹ Viagem no interior do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976, p. 410.

¹⁰ Viagens através da América do Sul. 1º. Volume. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. p. 312-313.

¹¹ Arquivo Público Mineiro. Registro de Terras da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Queluz. Rolo 15 – Códice 177, registro 151.

¹² Anuário do Museu Imperial de Petrópolis. 1957. Vol. XVIII. p. 75

¹³ Revista Ilustrada, n. 244, p. 03.

¹⁴ A Estalagem da Varginha. Belo Horizonte: Minas Gerais, 18/04/1970, p. 04.

¹⁵ Perfil Açominas, Belo Horizonte: Littera Maciel. Djalma Alves de Azevedo (Diretor). n. 152, março de 1989, p. 01.

¹⁶ AZEVEDO, Djalma Alves de. A imprensa do Brasil nasceu em Minas Gerais. Belo Horizonte, Armazém de Idéias, 2000.

¹⁷ Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926, p. 953.



Na foto, o empresário Luiz Carlos Nacif, mecenas do Museu das Reduções e fundador da Microcity, empresa de elevada consciência social, recebendo do grão-mestre Comendador da Ordem dos Cavaleiros da Inconfidência Mineira, Celso Rafael, o grande colar Alferes Tiradentes, a maior condecoração da instituição.



Acima, ruínas da Varginha do Lourenço. À direita monumento a Tiradentes e, abaixo, a gameleira







As flores de Layon


Ivanise Junqueira*

Ao ser convidada para conhecer a obra de Layon, surpresa, deparo-me com o resultado final que se apresenta. Transgrido o ato de pensar atrelado à superação do artista que, com gestos simples, faz dos caules, pincéis; das pétalas, diferentes formas; da variedade, a emanção do perfume, refletindo a alma do artista, que se mostra no brilho, no tom, na cor.

A obra descortinada mais uma vez transcende toda forma de expressão, de concepção, e o mestre despojado de vaidade, na essência da humildade, retira da alma a plenitude da primavera, a suavidade do outono, a busca de um sonho e, generoso, nos presenteia com buquês de flores. Transparece a poesia de um poeta, a sinfonia de uma música.

As flores ganham vida e aroma. Questiono-me se ultrapassam meu olhar ou provocam em mim a transcendência do que vejo e viajo ao jardim incomparável onde se misturam desde flores silvestres a outras encantadoras.

*Ensaista



As cores se mostram na obra: na bruma da auro-
ra, as cores da harmonia,
que animam a começar o
dia; no calor escaldante de
uma tarde de sol, as cores
aquecem com o forte e o
ousado e emanam ener-
gia; no entardecer, as co-
res da quietude do ser, a
plenitude, a suavidade do
descanso; na penumbra
e na luz da noite, a busca
dos sonhos e o encontro
das cores nas flores que
são estrelas e brilham no
infinito.

O entendimento do artista
ao oferecer quadros que
retratam flores, distribuí-
das em vasos simples ou
esmerados, jarros raros ou
contemporâneos, cache-
pôs variados, suportes sin-
gelos, como as flores que
encantam as diferentes
paisagens, vai de encon-
tro ao desejo que grita no
coração de homens, nos
quais afloram a sensibili-
dade e desejam que a pá-
tria revele aos que sonham
por um mundo melhor a
resposta para os anseios
da alma.

Poucos são os homens
com a sensibilidade de
Layon. Criar uma obra de-
licada, de uma beleza infi-
nita, capaz até mesmo de
exalar o perfume que vem



das flores mimosas e colo-
ridas misturadas às cores.

Ao olhar cada quadro, uma
vez mais me confunde se,
na obra, a resposta que
encontro vai de encontro
à doçura e ao encanto que
nos é repassado.

Abro gavetas onde se
guardam as idéias de ho-
mens que sonham em
conceber, dão vida a um
projeto que faz renascer
no espírito a esperança
de um mundo melhor:
sem antagonismos, bri-

gas pelo poder e pelo
consumismo.

O que sobrou das semen-
tes, quando o vento bater,
se espalhará e cairá além
das montanhas como no
coração dos homens, e as
flores serão ofertadas em
abundância, sem fronteiri-
ras.

Busco Layon e encontro-o
junto aos homens que so-
nham por um país mais
justo, menos violento. Os
sonhos desses homens
misturam-se e passam a



Livro "Cheiros, Marcas e Rastros", de Ivanise Junqueira, cujo capítulo 17 é o presente artigo. Diz Marco Aurélio Baggio: "Encontrei em Ivanise uma apercepção sentida com as fímbrias da sensibilidade e

do coração. Sua visão de mundo é doce, feminino, absolutamente lírica, vivendo ainda em um mundo conduzido pelas graças da bondade humana... comove-se com os prazeres sutis que lhe encantam as paisagens, as nuvens, as cores e os cheiros de nossa terra. Em "Cheiros da Minha Vida", a escritora percorre uma memória afetiva que evoca em nós, leitores, os deliciosos aromas que nos acompanham pela vida afora."

"...tenho grande convicção que esse registro, tornamos possibilitados, sempre que desejarmos, viver utopias e situações imaginárias, uma viagem..." disse de seus textos, o jornalista Júlio de Paula do jornal "O Inconfidente" de Ouro Preto.

Cada capítulo do Livro foi ilustrado pelo artista Layon, também autor da capa desta revista"

ser um só: almejam que as flores dividam quintais, ornamentem sacadas, enfeitem janelas. Singelas e presentes, que delimitem jardins, espaços, cidades, debrucem nas montanhas, ultrapassem fronteiras.

O jardim acima de volutas barrocas: violetas, lírios, dalias, jasmims, girassóis, rosas, antúrios, margaridas, begônias, sempre-vivas e tantas outras mais, que possam assistir nossas crianças com bandeiras e papa-

gaios ao vento correrem livremente, como também aos velhos no descanso em cadeiras junto a frondosos arbustos.

E o desejo de Layon e tantos outros, assim como os meus, persiste; que as flores sejam portadoras da paz. Que os limites do ato de ir e vir sejam de cercas vivas, como buganvíleas, camélias, azaléias, manacás.

Ao final, encontro resposta para as divagações. Ela

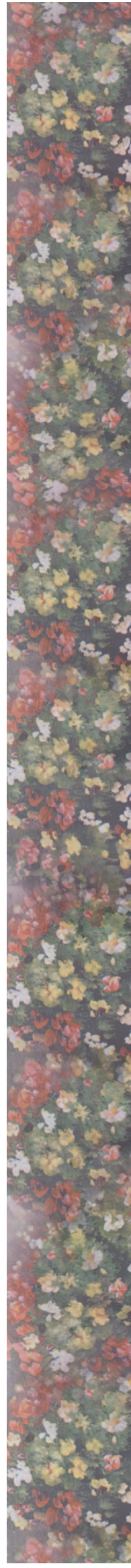
está na casa de Elias, em seu próprio jardim, recanto de Conceição, Angélica e Aline, fontes inspiradoras de tanto primor e dádiva.

As formas encontram-se e transparecem:

Conceição, a companheira, de beleza sublime, doce e forte, presença marcante de uma orquídea incomparável. Angélica e Aline, belezas singulares, diferenciadas, na vivacidade da juventude, ofertam tal qual as rosas perfumes suaves e luz para os ambientes.

Diante de tanta beleza, não tenho motivos para distanciar as flores da obra de Layon. Todas se completam. E o jardim será um só, como o sonho das pessoas que não desistem e acreditam que as flores podem ser plantadas por um Brasil melhor.

Finalmente, invadida pelo aroma e alegria incontidos, vejo no horizonte a promessa da inspiração e motivação para que, novamente, Layon, na generosidade que lhe é peculiar, nos oferte com outras obras, que certamente nos causarão surpresas e encantamentos.



Paiva Frade
arte e leilões

Galeria de Arte



Leilão de Arte do Natal - noite única - sábado, dia 25 de dezembro as 21:30h.

**Leilões de Ano Novo - duas noites -
Quinta dia 30 de dezembro e sábado dia 1 de Janeiro as 21:30h**



A Paiva Frade Arte e Leilões é afiliada do sistema iarremate.com.br.
Um site de leilões de arte onde você pode lancar em todos estes lotes!



iarremate.com.br

Leilões públicos oficiais

Paiva Frade Arte e Leilões - Av. D. Pedro II 613 - centro
São Lourenço - MG (35) 3332 4150

O colecionador

Considerações psicopatológicas

Marco Aurélio Baggio*

O colecionador de produtos de valor social ou cultural é pessoa que desenvolve forma específica de transtorno obsessivo-compulsivo – TOC. Caracteriza-se pela avidez em possuir o bem cultural ou artístico, cuja função subjetiva é preencher o vazio existencial de suas pessoas.

O colecionador de produtos de valor social ou cultural é pessoa que desenvolve forma específica de transtorno obsessivo-compulsivo – TOC. Caracteriza-se pela avidez em possuir o bem cultural ou

artístico, cuja função subjetiva é preencher o vazio existencial de suas pessoas. A maioria dos aficionados busca satisfazerem-se dentro de um escopo legal, digno, mesmo mecânico. São capazes de

nobres ações culturais e sociais. No entanto, alguns deles desenvolvem um colecionismo patológico, doentio, tornando-se desavergonhados larápios de nosso patrimônio artístico e cultural.



*Psiquiatra. Psicanalista. Humanista. Membro da Academia Mineira de Medicina. Presidente Emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Presidente da Arcádia de Minas Gerais e da Sobrames.

Trata-se, muitas vezes, de indivíduos que são incapazes de criar. Então adquirem. Habitualmente, são ricos e ociosos herdeiros de fortunas. Usam seus abundantes cabedais para se ornarem de peças de elevado valor icônico e histórico. Com isso, adquirem uma aura de prestígio que decorre do fato de possuírem tais obras de arte. Nesse meio, uma particular volúpia envolve a coleção de obras de arte sacras. É como se o pecador, num passe de mágica, se sentisse, em parte, redimido por estar em contato com ícones do cristianismo.

A psiconeurose obsessivo-compulsiva apresenta uma forte adesividade aos objetos, desenvolvendo seu infausto portador um exagerado apego aos objetos que tiraniza. Habitualmente, são pessoas incapazes de atos de doação e de generosidade. Antes pelo contrário, costumam tornarem-se seres usurários, mesquinhos. Vigilantes caninos daquilo que, um dia, por compra, por furto ou por qualquer meio ilícito ou lícito, caiu sob seu domínio.

A avidez e a adesividade tende a concentrar o interesse e a vida do colecionador em sua compulsão aquisitiva. Com frequência, este logo perde o senso ético entre os limites do que é hones-

to e do que é delinquente. Muitos, ao cabo de poucos anos, tornam-se predadores do acervo histórico e cultural desprotegido que sua cobiça captura. Com o passar do tempo, certos colecionadores descaem para comportamentos maus, anti-sociais. É assim que colecionadores e mercadores depredam o alicerce da identidade cultural mineira.

Muitos desenvolvem, com o passar do tempo, o componente Caim, maligno, em suas personalidades. Mostram-se num afã de impor-se sobre todos e sobre tudo. Querem tomar posse de tudo o que tem valor e aumentar desmesuradamente seu poderio de ter. Caim está na entranha do ser humano.

A coleção de obras célebres permite ao egoísta possuidor auferir gozo ao manipulá-las e contemplá-las, na solidão de sua alcova. No entanto, todo colecionador é um exibicionista. Goza ao expor em lugares exclusivos, o fruto de sua predação. Constitucionalmente incapazes de produzir ou criar, condenados à maldição de viverem dependentes da fortuna erguida pelos antepassados, são pessoas acomodadas e vazias. Carentes de luz própria, o colecionador precisa ostentar para o mundo o brilho de obras realizadas por artistas e por gênios antecessores.





Com a psicanálise, sabemos que cada ser humano erotiza e goza com aquilo que lhe está disponível. Narcisista, solitário, prejudicado desde cedo em seu processo de hominização, o colecionador usufrui o gozo mediante posse exclusiva e exibição para o mundo de seu poderio e de seu bom gosto.

Não existe ainda uma catalogação específica deste comportamento na Classificação Internacional das Doenças Mentais – CID-10, ou na Diagnostic and Statistical of Mental Disorders - DSM IV. Pelo CID-10, pode ser enquadrado, precariamente, também em F15-1: Transtorno mental e do comportamento psicoativo por adição a estimulante. No caso, a droga psicoativa é a sua própria coleção.

Certos neuróticos obsessivos-compulsivos tornam-se querelantes. Eivados de um senso perverso de domínio sobre aquilo que julgam como sendo sua exclusiva propriedade, em detrimento da exposição ao público do fruto, do talento e da arte de um povo e de uma cultura. É quando, então, apelam para os tribunais, emperrando e protelando a justiça, utilizando seu poderio e seus advogados para explorar as brechas, as falhas e os interstícios com os quais nosso ineficaz sistema jurídico agoniza.

Favoravelmente, nesses casos os psicopatológicos tremem e afinam diante da firme determinação da Vara da Lei. Acossados sem dó nem leniências jurídicas, pilantras predadores se vêem obrigados a conter sua ganância. O trabalho da Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais tem apresentado bons resultados. Nossa história necessita de guardiões devotados à preservação e à restauração de nosso patrimônio artístico, cultural, histórico e humanístico.

Há 310 anos Minas Gerais funciona como a pedra de toque, o fecho de abóboda que dá coalizão e inteireza ao Brasil. Minas foi, e é, o principal celeiro, a principal fonte do Patrimônio Histórico e Cultural do Brasil. O que de Minas vem sendo roubado tem que ser devolvido e recuperado.

É função da cultura e da sociedade civilizada barrar a imperiosidade de colecionadores cainistas. Para gaudio de nós, mineiros...

Procurando leilão de arte?



iarremate.com.br
Leilões públicos oficiais





O Direito Diamantino

Ricardo Arnaldo Malheiros Fiuza*

1. O Distrito Diamantino

Venho falar das Terras Diamantinas, de suas riquezas e, natural e consequentemente, de seus tributos.

Fora da jurisdição da Junta Real da Fazenda de Minas Gerais ficava o Distrito Diamantino, como um feudo legal e administrativamente

separado, governado pelos titulares dos contratos de diamante. As terras dos diamantes, que abrangiam o Arraial do Tejuco (hoje Diamantina), a Vila do Príncipe (hoje Serro) e toda a extensa área da antiga Comarca do Serro Frio, formavam uma “ilha”

dentro da Capitania de Minas. A “Intendência dos Diamantes, com território autônomo e sede no Tejuco, estava diretamente subordinada à Diretoria dos Diamantes, repartição do Erário Régio por sua vez dependente da Secretaria do Reino”.

2. A Descoberta dos Diamantes

Naturalmente, o arraial do Tejuco e as povoações vizinhas surgiram em função da busca do ouro. Isto no fim do século XVII e bem no início dos anos setecentos. As riquezas das minas auríferas da região atraíram grande número de pessoas, que ali se estabeleceram com suas famílias, obtendo do Guarda-Mor da Vila do Príncipe (Serro) licenças

para a sua exploração, mediante o pagamento dos tributos vigentes. Vigia, então, o Quinto, cobrado nas Casas de Fundição, constituindo forma de imposto direto, pois os quintos seriam deduzidos do ouro produzido. Por essa época é que surgiram os primeiros diamantes. Menciona-se a data de 1729 como a do descobrimento das preciosas pedras por-

que, nesse ano, foi baixada uma portaria de D. Lourenço de Almeida, Governador da Capitania, mandando suspender todas as minerações de ouro nas terras diamantinas.

Quando a notícia do descoberto diamantino na Comarca do Serro Frio chegou ao reino, o fato foi comemorado com inusitada alegria.

* Professor de Teoria do Estado, Membro da Academia Mineira de Letras, da Academia Mineira de Letras Jurídicas, da Academia Mineira de Direito Militar e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Oficial da Ordem do Infante Dom Henrique, de Portugal. Membro honorário do Rotary Club Belo Horizonte.

3. A Faiscação Livre

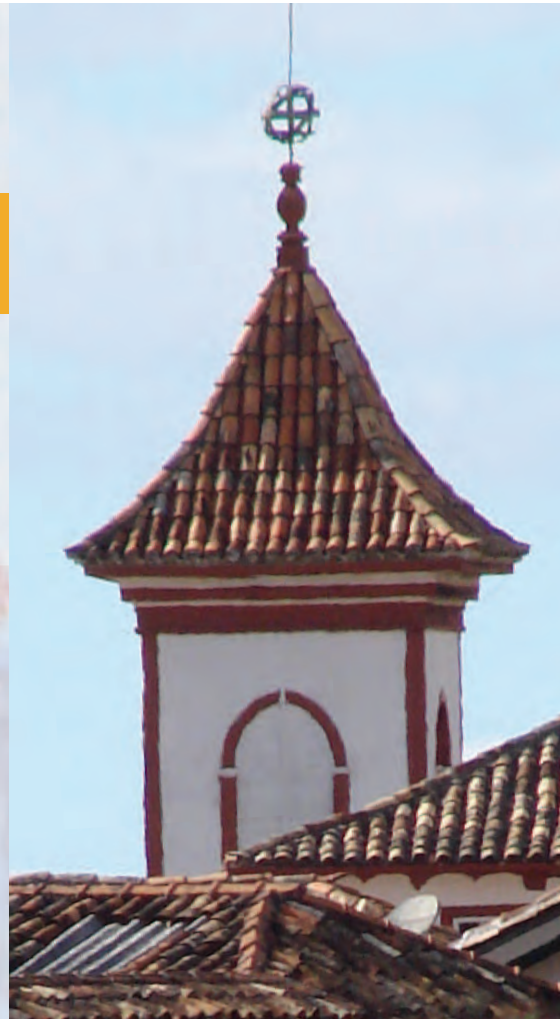
Usando da competência que lhe foi atribuída, D. Lourenço abriu as terras diamantinas à faiscação, estabelecendo imediatamente o imposto da capitação de 5\$000 por cada cabeça de escravo que fosse empregado nesta modalidade de mineração. Em 1730, baixava-se, assim, o primeiro Regimento Diamantino, já eivado do despotismo e da tirania que pesariam sobre a gente desse distrito, formada de portugueses e brasileiros.

Tais medidas e tal processo de tributação, por serem fáceis de se burlar, não desencorajavam os mineradores que, afeitos ao caráter aleatório da faiscação, resolveram se arriscar na sorte do "jogo". Turbas de aventurei-

ros, com seus escravos, vieram do norte e do sul do país. E, mesmo do reino, onde a possibilidade de riqueza era o comentário geral, vieram famílias inteiras.

Ora, tal tributação prévia e exorbitante aliada ao provimento que determinava a expulsão de todos os negros, mulatos e mulatas forros da Comarca do Serro, impediam (e este era o intuito) qualquer atividade mineradora. Aos pobres era impossível a mineração por lhes faltarem recursos para a arrematação e aos ricos idem, já que nem de braços para o trabalho poderiam dispor.

Na Corte, planejava-se a extração dos diamantes por



conta da Coroa. Planos e planos se sucederam e aqui os diamantes brotavam da terra, iniciando a era de prosperidade e de luxo que caracterizaria a lendária Diamantina.

4. A Intendência e a Demarcação

Os regimentos e os decretos vigentes já não eram suficientes para regular os negócios relativos aos diamantes. Além disso, a riqueza atrai o luxo, e este, quase sempre, leva aos desregramentos. Ao redor do Tejuco começaram a surgir povoações movimentadas. A população regional aumentava sem que a autoridade pudesse controlar. Tumultos, abusos, contrabandos, lesões ao fisco. O Ouvidor-Geral da Vila do Príncipe era a única autoridade que tomava conhecimento direto desses crimes, contravenções e desmandos e o extenso território da Comarca do Serro Frio não lhe permitia a presença e a ação em todas as áreas que as reclamavam. De Vila Rica, o Conde de Galveias procurava com bandos enérgicos controlar a situação.





Um deles, datado de 1733, merece transcrito por seu estilo e por bem caracterizar os costumes da época nas terras dos diamantes. É o seguinte:

“Devendo-se atender mais, que a nenhuma outra coisa, a evitar pelos meios possíveis as ofensas de Deus e com especialidade os pecados públicos, que com tanta soltura correm desenfreadamente no Arraial do Tejuco, pelo grande número de mulheres desonestas, que habitam no mesmo arraial com vida tão dissoluta e escandalosa, que não se contentando de andarem com cadeiras e serpentinas acompanhadas de escravos, se atrevem irreverentes a entrar na casa de Deus com vestidos ricos e pomposos, e totalmente alheios e impróprios de sua condição; - e não se podendo dissimular por todas as leis divinas e humanas, sem um grave escrúpulo de consciência dos que governam, o castigo de gente tão abominável, que se deve reputar como contágio dos povos, e

estrago dos bons costumes; - mando que toda a mulher de qualquer estado e condição que seja, que viver escandalosamente, seja notificada, para que em oito dias saia para fora de toda a Comarca do Serro do Frio; e quando o não execute no dito termo, será presa e confiscada em tudo quando se lhe achar...”

Apesar de todos os bandos, os abusos grassavam por todas as bandas do arraial. Falsificavam-se bilhetes de matrículas de escravos, zzzfundia-se clandestinamente o ouro, a vigilância dos Dragões era burlada e o descaminho de pedras aumentava. Urgia uma administração local e especial, que deveria se sediar no Tejuco. E assim foi criada, no fim de 1734, a Intendência dos Diamantes. Para primeiro intendente foi nomeado o Desembargador Rafael Pires Pardinho. Pardinho tratou logo do primeiro passo para o estabelecimento de sua autoridade especial e absoluta: a demarcação do

distrito diamantino. Criava-se uma “ilha administrativa” dentro da Capitania de Minas. Um autêntico enclave.

Daí para a frente, o próprio Governador da Capitania viria ao Tejuco somente em visitas protocolares, como um governante visita um seu colega. As decisões da Corte com relação aos diamantes passariam a vir diretamente de Lisboa para a autoridade diamantinense. Por sua vez, as súplicas dos aflitos moradores do distrito também eram endereçadas diretamente ao Rei.



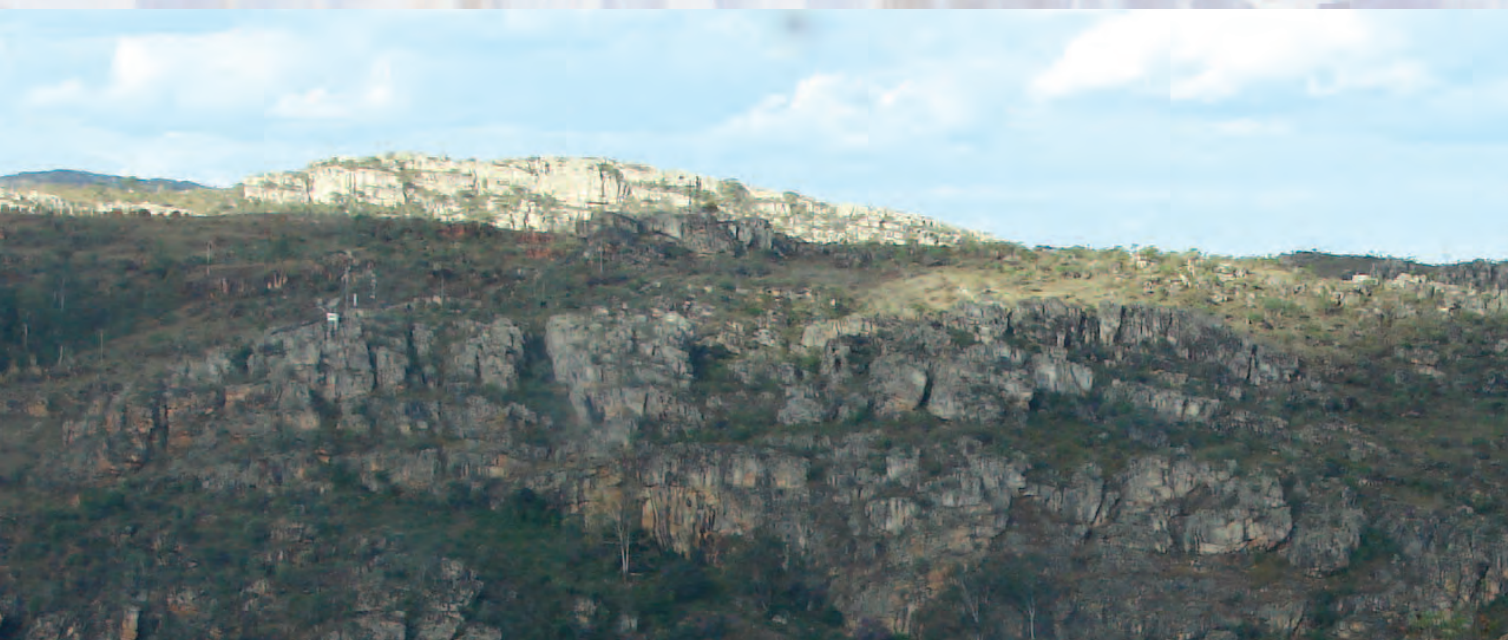
Concluída a demarcação, veio a proibição da mineração em todo o território. Era uma pausa para se estudar que processo se deveria adotar para maior lucro da Real Fazenda. A proibição era severa e ai de quem fosse encontrado com um só “olho-de-mosquito” (pedra pequenina) em seu poder.

Abriu-se uma devassa geral,

os cartórios abarrotaram-se de processos (o problema é antigo, pois) e a abjeta arte de denunciar proliferou. Explica-se: é que os “dedos-duros” de então participavam das multas e dos confiscos cobrados pela Fazenda Real. E os escravos que denunciasses o seu senhor seriam libertados em nome de Sua Majestade, além da parte que lhes competisse no confisco.

Delação premiada...

Em 1735, o então Governador Freire de Andrade veio ao Tejuco, por ordem do Rei, para conferenciar com o Intendente sobre o melhor método de se tributar a atividade diamantífera, ou se seria mais conveniente para a Fazenda Real que a extração se fizesse por contrato com alguma companhia.



5. Os Contratos

Decidiu-se pelos contratos de arrematação.

Ali, no Tejuco, o processo foi seguido com peculiaridades singularíssimas, como veremos adiante.

Surgiu lá a figura feudal do CONTRATADOR DE DIAMANTES que, ao lado do INTEN-

DENTE, formaria a dupla de autoridades do Distrito.

Sucederam-se os contratos: o terceiro foi o do infeliz Felisberto Caldeira Brant, que, após o fausto, caiu em desgraça com a Fazenda Real, visto que, contente com a imensa riqueza que lhe vinha dos diamantes, des-

cuidou-se dos garimpeiros (que exerciam a mineração furtiva) e dos contrabandistas, sendo ele próprio acusado desses descaminhos. Para culminar a sua má sorte, o cofre da Intendência foi assaltado em circunstâncias misteriosas. Felisberto acabou preso e, acorrentado, foi enviado ao Rio de Janeiro

e daí mandado para Lisboa. (Seu neto e homônimo viria a ser o célebre Marquês de Barbacena, ministro de D. Pedro I, tão importante na história luso-brasileira).

Enquanto aqui nas Minas Gerais o infortúnio atingia Caldeira Brant, em Lisboa a sorte do reino mudava. D. João V morreu em 1750 e ao trono português subiu seu filho, o inexperiente D. José I, de 36 anos de idade. Com ele e maior que ele, surgia a figura de Sebastião José de Carvalho e Mello, o futuro e polêmico Marquês de Pombal. Mal preparava seus planos de reforma que visavam o soerguimento do reino combalido pelos gastos excessivos do rei devasso, Carvalho e Mello viu Lisboa se desmoronar pela força do incrível terremoto, que a fez tremer de 1755 a 1760. Pombal dirige seus olhos percucientes para o Brasil, onde brilhava o ouro e cintilava o diamante, riquezas capazes de equilibrar os pratos da balança lusitana. Tratou logo de reestruturar o sistema tributário português, instalando em Lisboa, no ano de 1761, a nova Real Fazenda.

Na prorrogação do quinto contrato, de João Fernandes de Oliveira, foi incluído João Fernandes de Oliveira (filho), que se tornaria célebre, mais

tarde, com a sua “Chica-que-manda”.

E é ele próprio, o Desembargador João Fernandes de Oliveira (filho) que vai arrematar o sexto contrato de diamantes. O mais longo e o último dos contratos. Foi a época de esplendor do Tejuco, de Chica da Silva, de seu castelo, do lago com o navio, vida de luxo e prestígio. João Fernandes, bem sucedido no empreendimento, tornou-se rico como um nababo oriental e poderoso como um príncipe medieval. A influência e o poder de decisão que o Contratador chegou a ter começaram a preocupar a Coroa. Os seus excessos, principalmente com os caprichos da amante, que até uma igreja lhe pediu (a Igreja do Carmo), eram alvo de críticas (e de inveja) em Lisboa. Pombal sabia de tudo e não aprovava, mas não quis entrar em choque direto com o poderoso Desembargador, humilhando-o em seu feudo, como fora feito com o pobre Felisberto Caldeira Brant. O habilidoso Carvalho e Mello, ao invés de tomar qualquer medida violenta para com João Fernandes nos seus próprios domínios, diplomaticamente convocou-o a Lisboa. E lá na Corte, Pombal participou ao Desembargador o seu fim como Contratador e o fim da própria era dos con-

«...A proibição era severa e ai de quem fosse encontrado com um só “olho-de-mosquito”...»



tratos. A título de multa por infrações cometidas contra cláusulas do contrato, impôs-lhe o tributo de onze milhões de cruzados! Apesar de tão grande, a importância não chegou a abalar a imensa fortuna de João Fernandes, que morreu em Lisboa em 1799, deixando estabelecido o rico Morgado do Grijó, cujo primeiro administrador foi seu filho João Fernandes de Oliveira (neto), filho também de Chica da Silva...

6. A Real Extração e o “Livro da Capa Verde”



Findo o último contrato em dezembro de 1771, começou a extração dos diamantes a ser feita por conta direta da Fazenda Real. A este novo sistema foi dado o nome de Real Extração. O arraial transformou-se no que hoje chamaríamos de cidade-empresa e o seu instrumento de governo, verdadeira constituição, passou a ser o Regimento Diamantino, elaborado em 2 de agosto de 1771, sob flagrante influência pombalina, e publicado no

Tejuco em janeiro de 1772. O único exemplar do dito regimento chegou à Intendência Diamantina impresso in folio e encadernado em capa de couro verde. Daí ter ficado conhecido na história como o Livro da Capa Verde, de terrível memória. Em seus 54 artigos estava compilado o que havia de mais severo nos regimentos, decretos e bandos anteriores. Só destacarei, nesta palestra, os dispositivos mais curiosos do terrível documento.



Pelo art. X, ficou estabelecido que todas as pessoas residentes no Serro Frio e Terras Diamantinas deveriam ter “bilhetes de permanência”, caso esta permanência fosse aprovada pelas novas autoridades. Do contrário, deveriam se retirar das referidas terras em quinze dias, sob pena de prisão no Rio de Janeiro. É de se ver as relações

diretas do Distrito com o Rio de Janeiro, sem passar por Vila Rica.

No art. XI, vê-se que vendedores, comboieiros e cobradores de fora só teriam 24 horas de permanência no território.

O art. XIII dispõe que os “despejos” de indesejados se fi-

zessem “pelo menos para fora da Comarca”, porque a experiência havia mostrado que os que ficavam nas vizinhanças, continuavam perturbando a ordem do Arraial do Tejuco.

O art. XV dá competência, em única instância, à Junta Diamantina para julgar os casos de despejos, excluindo-



do-se qualquer outra jurisdição, sem apelação, agravo ou recurso algum, que não fosse diretamente para a Real Pessoa do Monarca.

O art. XXX permite a busca em casas e pessoas, sem mandado, pelos soldados dos Destacamentos de Dragões ou de Pedestres. A cavalaria e a infantaria tornavam-se, assim, oficiais de justiça. Casas e pessoas brasileiras e portuguesas!

O art. XXXI introduz o terror das denúncias anônimas. Bastava que o delator escrevesse, numa folha de papel, a descrição do fato e das circunstâncias, sem ser necessário assiná-lo. Este papel era entregue pessoalmente ao Intendente ou aos Caixas, que o datavam e assinavam, legalizando o documento. O denunciado era confiscado e o denunciante recebia sua parte do confisco e, se escravo, delatando o amo, podia ser até libertado em nome de El-Rei.

O art. LIII reforça o art. XV, estabelecendo que o Intendente-Geral seria Juiz Conservador da administração e de todos que achassem

empregados nela; e, como Juiz Privativo de todas as suas causas, poderia avocá-las ao seu juízo, não obstante quaisquer exceções declinatórias ou privilégios, que em contrário pudessem alegar as partes interessadas. Este artigo, já por si significativo na organização diamantina, ainda foi ampliado por um alvará de 23 de maio de 1772, que evidencia de sobejo a singularidade do “direito diamantino”.

Se chamamos o “Livro de Capa Verde” de constituição diamantina, este alvará foi sua primeira emenda. Diz ele textualmente: “Sou servido ampliar o art. 53 do Regimento de 2 de agosto de 1771 a todos os habitantes das terras diamantinas, para que as questões, que entre eles houver, sejam sentenciadas pelo Intendente sumária, verbalmente e de plano, pela verdade sabida e sem figura alguma de juízo, sendo ouvido o Fiscal nas causas de valor de 100\$000 ou daí para cima, para cujos efeitos derrogo e hei por derogadas todas as Ordenações, leis e disposições de direito em

contrário, como de todas e de cada uma fizesse especial menção”.

Os procedimentos judiciais estavam suspensos e por essa razão, proibiu-se no Distrito o exercício da advocacia! Melhor aqui transcrever, sem comentários, o trecho do citado alvará sobre tal proibição:

“Sou servido proibir que dentro do distrito das terras diamantinas possa residir bacharel algum formado, debaixo das penas de ser remetido à sua custa ao Rio de Janeiro e de seis meses de cadeia debaixo de chave nas prisões daquela Relação. Excluo porém os que forem naturais das referidas terras, contanto que nelas não exercitem a advocacia, porque exercitando-a incorrerão nas sobreditas penas”. O Decreto-Real é de D. José I, o Absolutista...

Só em 1821, com a adoção da Monarquia Constitucional pelo Reino Português, o Livro da Capa Verde seria definitiva e totalmente revogado, sendo queimado em praça pública, entre festejos populares.

7. Os Bilhetes de Extração

Resta ainda falar rapidamente em um instituto característico da época diamantina. É ele o bilhete de extração.

A Real Extração tinha, para fazer face às suas despesas, a quantia anual de 500.000 cruzados, que lhe enviava a Junta da Fazenda. Quando faltavam os fundos necessários à compra de mantimentos, ao aluguel de escravos e ao ordenado de empregados, eram emitidos os Bilhetes da Extração. Eles vinham impressos em talões, diretamente de Lisboa. Tais bilhetes passaram a constituir moeda circulante no Distrito Diamantino, com aceitação geral. Com o declínio do filão diamantino e a obstinação dos contrabandistas, sucedeu não serem pagos

os bilhetes na época prevista para sua apresentação e mesmo depois dela. Surgiram então os cambistas, que compravam bilhetes vencidos com grandes descontos, para, em seguida, resgatá-los, através de favores, pelo valor real. (Qualquer semelhança com precatórios não é mera coincidência...).

À medida que o Século XVIII chegava a seu fim e, com ele, também o fim do absolutismo no mundo influenciado pela revolução anglo-franco-americana, acontece aqui nas Minas o declínio do ouro e dos diamantes. A volumosa legislação pomalina relativa às minas de ouro e diamantes do Brasil e a sua reorganização das finanças da Coroa no órgão

centralizado do Real Erário não produziram os resultados esperados. A Real Extração, abandonada pelo Governo, que lhe não mandava os fundos necessários, foi “definindo à míngua”. Trabalhava-se a luta entre a Administração e o Tesouro: “este pedindo diamantes e aquela dinheiro para extraí-los”.

«...Quando faltavam os fundos necessários à compra de mantimentos, ao aluguel de escravos e ao ordenado de empregados, eram emitidos os Bilhetes da Extração...»





8. O Mundo Diamantino (Conclusão)

Assim foi o Distrito Diamantino: teve moeda própria, justiça (?) própria, governo “sui generis”, tributos especiais, uma como que constituição própria a lhe reger os destinos, e fronteiras bem vivas que o isolavam dentro do País das Gerais.

O mundo diamantino teve sua história que, embora mineira, se destaca na história da Capitania, de resto, toda ela variada e rica. É que ali, onde hoje está Diamantina, com suas serestas e vespertanas, criou-se uma gente diferente. Gente amante do luxo e das festas e impregnada do sentido lúdico da vida, já que no caráter aleatório da extração vale mais o acaso do que o trabalho pertinaz e rotineiro. Gente, ao mesmo tempo, rebelde de uma rebeldia também peculiar: os diamantinos promoviam, através do contrabando obstinado, a

revogação das leis que lhes eram pesadas e vexatórias. Bailes, sedas, brindes cantados, pompas religiosas, reclamações, gemidos de presos, brilho de pedras, brilho nos olhos, fogo no coração, fogo nos acampamentos furtivos, lamento de escravos, risadas de “Chicas-que-mandavam”, delações premiadas, moeda própria, representações violentas dirigidas diretamente ao Monarca, frieza nos festejos oficiais e espontaneidade nas comemorações improvisadas a cada derrota sofrida pelo absolutismo reinol.

O povo do Tejuco só exer-

ceria o seu primeiro ato oficial de soberania um século depois, no ano de 1821, em suas primeiras eleições paroquiais. No mesmo ano, como já relatado, D. João VI jurava a Constituição Portuguesa e no Tejuco queimava-se o “Livro da Capa Verde”. Nova era começava no “Distrito dos Diamantes”. Pouco tempo depois, em 1822, o “Grito do Ipiranga”, menos pelo grito do que por suas consequências, “devolvia” o Tejuco a Minas Gerais, e o batizava com nome de mulher, Diamantina. E hoje, Fernando Brant, o poeta diamantinense, com seus versos excelentes, retrata bem o que ia e o que

**“E o povo põe de lado a sua dor
Pelas ruas capistranas de toda cor
Esquece a sua paixão
Para viver a do Senhor.”**

Turismo e Negócios

Carlos Alberto Vilhena*

Dois assuntos verdadeiramente polêmicos vêm chamando a atenção de articulistas dos principais jornais da região dos Inconfidentes nos últimos meses. As condições do tráfego na BR 356 no trecho denominado de Rodovia dos Inconfidentes, entre a BR 040 e a cidade de Mariana, e a construção do Aeroporto Regional de Ouro Preto. Os dois assuntos dizem respeito, inevitavelmente, ao potencial turístico de toda uma região.

Com pouco mais de 80 km, a Rodovia dos Inconfidentes se reveste de especial significado por representar o principal acesso às cidades históricas de Ouro Preto e Mariana e por servir, também, ao vanguardista município de Itabirito. Estas três cidades, assim como seus muitos distritos, compõem importante complexo turístico, com grande diversidade de atrações, oferecendo-se como palco de turismo cultural, pedagógico, reli-

gioso, ecológico e de aventuras. Mas, além disso, elas possuem em seus subsolos riquíssimas reservas que as tornam referências mundiais no extrativismo mineral.

Com a retomada do desenvolvimento econômico, após a crise econômica que se abateu sobre o planeta, as grandes mineradoras, sediadas nos três municípios, colocaram o pé no acelerador. A impressão que se tem

é que nunca produziram tanto como agora. É notório o crescimento do tráfego de caminhões pelo limitadíssimo traçado da Rodovia dos Inconfidentes, obrigando os demais veículos a andarem quilômetros em fila indiana, sendo raros os pontos de ultrapassagem. Como consequência natural, a estrada sofre grande deterioração, elevam-se a níveis preocupantes os acidentes envolvendo os veículos automotores e prolonga-se o tempo

*Diretor do Museu das Reduções de Ouro Preto

da viagem, gerando carga excessiva de estresse e desestimulando o turismo em toda a região.

Entretanto, como contraponto à esta dura realidade, são grandes os esforços feitos pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto e pelo Governo do Estado, no sentido de viabilizarem, juntos,

a construção do Aeroporto Regional de Ouro Preto, nas proximidades do distrito de Cachoeira do Campo, nivelando Ouro Preto aos demais destinos indutores do turismo nacional.

Apesar dos evidentes benefícios que a presença de um aeroporto pode proporcionar, em termos de acessibi-

lidade e segurança, ainda há vozes discordantes que parecem desconhecer que a construção do aeroporto não concorre com a imprescindível duplicação da Rodovia dos Inconfidentes. São intervenções distintas, a serem realizadas por fontes distintas: governos Estadual e Federal, mas com objetivos comuns.



Por fim, pode-se afirmar que precisamos, sim, de um aeroporto regional moderno e seguro e que precisamos, igualmente, de uma Rodovia dos Inconfidentes nova, duplicada, com traçado propício ao fluxo do trânsito misto a que ela se submete e – principalmente – bem sinalizada. É imprescindível o apoio constante dos governos municipais, estadual e federal, além do envolvimento das grandes mineradoras no processo de duplicação e de manutenção desta malha rodoviária. É uma questão de sobrevivência. Há que se ter agilidade nestas intervenções, pois a Copa de 2014 se aproxima e não há como excluir a região

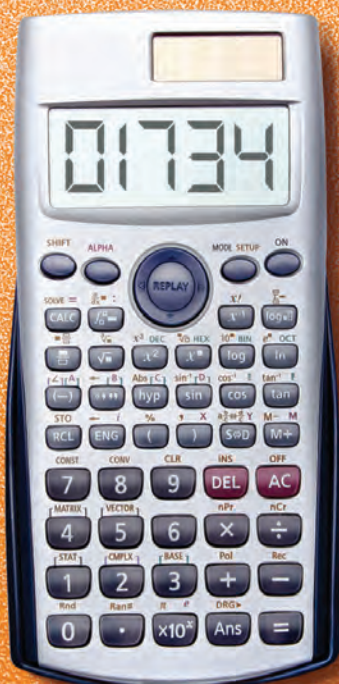
do contexto turístico do evento. Afinal, Ouro Preto deve ser tratada como patrimônio da humanidade que é, inspirando futuras gerações e auxiliando-as a trilharem os árduos “caminhos da liberdade.”

O trade turístico da Região dos Inconfidentes aguarda, ansioso, os desdobramentos das injunções políticas dos últimos meses, que alteraram, radicalmente, o quadro político em Itabirito, Mariana e Ouro Preto. É notória a efemeridade das administrações e gestões públicas em nosso país. No entanto, as ações eficazes precisam ser mantidas não importando nomes ou partidos, em

«...precisamos de um aeroporto regional moderno e seguro e uma Rodovia dos Inconfidentes Nova, duplicada...e – principalmente – bem sinalizada. »

especial em áreas tão sensíveis como infraestrutura, cultura e turismo. Caso contrário, empreendedores e agentes indutores de cultura e turismo estarão em posição de espera, na expectativa de que algo aconteça, expondo a todos as vulnerabilidades de um mercado tão promissor e importante, que merece maior atenção.

Em um momento de forte aquecimento da economia brasileira, destaca-se a pujança do empreendedorismo que compensam, em certos aspectos, a inexistência de políticas de fato efetivas para os setores. Cabe citar o marcante surgimento de pousadas e restaurantes nos distritos de Cachoeira do Campo, Santo Antônio do Leite e Glaura.. Além disto, a chegada iminente do Centro Tecnológico da Vale reascende a chama da esperança em dias melhores para aqueles que vivem e usufruem das ofertas de serviços, opções turísticas e culturais de nosso estado.



Antes, você calculava seus custos com TI assim.



Agora, calcula assim: por usuário*.

IaaS

Infrastructure as a Service

Infraestrutura



- Servidores
- Datacenter
- Cloud Computing
- Estações
- Storage
- Backup
- Rede
- Segurança

Tecnologia Embarcada



- Virtualização
- Colaboração
- Disaster Recovery
- Capacity Plain
- Compliance
- Gerência do Ambiente de TI
- Monitoramento de Aplicações
- Análise de Tráfego de Rede
- Garantia de Disponibilidade

Gestão de Serviços



- SLA
- NOC
- Service Desk
- Sites
- Imagens
- Ativação
- Logística
- Inventário
- Charge Back
- Cobertura Nacional

PPU

Pay Per User



R\$ PPU/ 

IaaS PPU

Pay Per User by Microcity

A Microcity não para de inovar. Agora, o posicionamento IaaS (Infrastructure as a Service) passa a ser IaaS PPU – Pay Per User by Microcity. Um produto inédito no país que faz com que a infraestrutura de TI da sua empresa passe a ser paga por usuário*, independente da complexidade tecnológica envolvida. Ou seja: uma maneira mais racional e econômica de garantir os investimentos, a logística e a gerência necessária para que a sua empresa possa contar com a melhor infraestrutura de TI. Tudo muito simples, fácil e prático.

*PPU: Pago por usuário. Usuário = dispositivo ativo no ambiente (desktop, notebook, PDA, tablet...)



RODAS DE HISTÓRIAS EM MUSEUS

Uma iniciativa de sucesso na Casa dos Contos de Ouro Preto

Maurício trindade*



Um dia, em 2008, fui levado ao gabinete do Eugênio Ferraz na administração regional do Ministério da Fazenda em Minas Gerais, responsável pela Casa dos Contos de Ouro Preto. Ia levando a idéia de um projeto para realizar rodas de histórias do ciclo do ouro nas dependências do museu. Quando vi o Eugênio, não pude deixar de compará-lo às figuras austeras da velha república que via nos livros de história. “Será que vai me entender?” – pensei.

Interrompido a todo instan-

te, atendendo mil ligações, semblante sério, aquele republicano não deixou de ouvir nada, pelo contrário. Para ver se eu era bom mesmo para entrar na casa, que cuida com tanto esmero, lançou um desafio: que eu contasse a história de todos os ministros mineiros, que ocuparam o Ministério da Fazenda num evento comemorativo dos 200 anos da chegada da família real ao Brasil. Desafio lançado, desafio aceito e êxito no evento! Graças a Deus! Nascia ali o projeto Mediação Cultural Casa dos Contos, que

propunha a mediação entre o patrimônio histórico e o público através da imaginação despertada no ato de contar e ouvir histórias.

As histórias da história não pertencem ao grupo dos contos populares, como assinala o folclorista Luis da Câmara Cascudo. Falta-lhes a imprecisão do tempo, o encantamento, a fábula e a carochinha. As histórias da história sempre acontecem em um determinado lugar, num tempo definido. Contar histórias da história num museu exige contexto.

* *Contador de Histórias*

O projeto Mediação Cultural começou em Junho de 2009. No pátio interno do museu, os visitantes, abordados informalmente, foram convidados a ouvir as narrativas. Grupos de cinco, dez, trinta, sessenta pessoas iam se formando para ouvir o passado de heróis, irmandades, escravos, amores e guerras acontecidas na antiga Vila Rica. O roubo da cabeça do Tiradentes é narrativa obrigatória. Parece brincadeira ou puro entretenimento, mas é muito mais. A narração de histórias em museus já acontece em todo mundo, destacando-se nos museus ingleses

Para entender isso, temos que pensar nos museus como um espaço de aprendizado informal, lúdico, envolvente, pronto para saciar a vontade do seu visitante de interagir, participar,

«...Os visitantes de museu, na sua maioria, não são pesquisadores, entendidos, especialistas, mas são pessoas que se ligam ao patrimônio histórico, que é seu, por laços afetivos, que envolvem emoção, imaginação e criatividade para pertencer.»

envolver-se, perceber o ganho cultural. Os visitantes de museu, na sua maioria, não são pesquisadores, entendidos, especialistas, mas são pessoas que se ligam ao patrimônio histórico, que é seu, por laços afetivos, que envolvem emoção, imaginação e criatividade para pertencer.

Paredes, objetos e coleções são teatralizados culturalmente, quando o museu quer dizer alguma coisa para quem o visita. Mediar culturalmente em museus

é traduzir para o público, aspectos que compõem as múltiplas facetas do fato histórico. A organização de uma exposição, sua iluminação, sua ordenação no espaço físico, o espaço físico valorizado e acessível, são formas de tradução dos fatos. A estas formas se juntam outras iniciativas, como vem sendo a contação de histórias no Museu Casa dos Contos. Todas elas despertam a curiosidade, a emoção, o interesse, a reflexão, a observação.

Na Inglaterra, como no Brasil, já existem institutos e associações das mais diversas, dedicadas à contação de história. Na Inglaterra destacam-se o Cric Crac Club e a Society for Storytelling, que dedicam parte de suas ações à presença do contador de histórias em museus.

Para essas instituições justifica-se a presença do



contador de histórias nos museus, por ser uma das primeiras formas com que os homens transmitiram os fatos históricos para os grupos a que pertenciam. Além disso, propõe ao visitante imaginar o passado, fazendo do aprendizado uma construção participativa que o envolve; acredita que a palavra ouvida de forma lúdica é mais facilmente repassada e reproduzida, contribuindo com a difusão cultural; considera a contação de histórias capaz de dar uma dimensão mais humana aos personagens presentes nos fatos abordados, facilitando a identificação do público com os mesmos; acredita que contadores de histórias podem contribuir em muito com a capacidade de interagir dos recepcionistas e guias.

Sobre este aspecto, cabe ressaltar que não se trata de fazer de recepcionistas e guias contadores de histórias, mas de fazer perceberem que os fatos que normalmente relatam possuem uma complexidade, que pode ser explorada em sua riqueza para envolver e informar o visitante de museu. Além disso, aspectos técnicos do uso da voz também podem ser aplicados pelos contadores de his-



tórias para contribuir com a capacidade de comunicação de recepcionistas e guias.

O Museu de Londres e a Casa dos Contos têm algo em comum. Lá, como aqui, duas guerras são contadas com a participação da plateia. Em Londres, a contadora de histórias Katy Cowkwell narra a história de Boudica, a rainha Bárbara que combateu a invasão dos romanos em Londres.

Na Casa dos Contos é narrada a Guerra dos Emboabas que opôs paulistas e forasteiros, vindos de todas as partes do Brasil e do mundo, no sertão das Gerais.

Em Londres Katy interrompe a história para que o público crie a fala dos chefes antes da batalha final. Aqui o público ora assume a fala do português Manuel Nunes Viana ao ser aclamado governador de Minas, ora a fala de frei Francisco sobre



os planos de vingança que pretendia contra os paulistas e a fala dos paulistas ao negociarem sua rendição diante do temido Bento do Amaral Coutinho, no episódio do Capão da Traição. Em Londres, Katy ainda destaca aspectos do poder na mão das mulheres, representado pelos londrinos e na mão dos homens, representado pelos romanos, ampliando a possibilidade interdisciplinar que uma história pode promover. Na casa dos Contos, como lá, estas histórias são destinadas a escolares e agendas com antecedência.

Em 2010 o programa Mediação Cultural ampliou suas atividades ao percorrer os distritos ouro-pretanos

para divulgar a Casa dos Contos em escolas da rede municipal e promover a capacitação de mediadores culturais entre os recepcionistas do museu. A primeira fase do programa será

concluída com a recepção de mais de 120 grupos nas dependências do museu, 11 escolas visitadas, 26 turmas de 6º, 7º, 8º e 9º anos atendidas e apresentações para 2 programas sócio-culturais no município de Ouro Preto. E isso tudo é o só o começo da nossa história, que se liga ao passado de Vila Rica, trazendo à baila personagens como o Tiradentes, Marília, o Aleijadinho, o Conde Assumar, Cláudio Manuel da Costa, Bárbara Heliadora e tantos outros. Em outros pontos, como no Museu das Reduções, o projeto - a história - e a contação de histórias continuam...



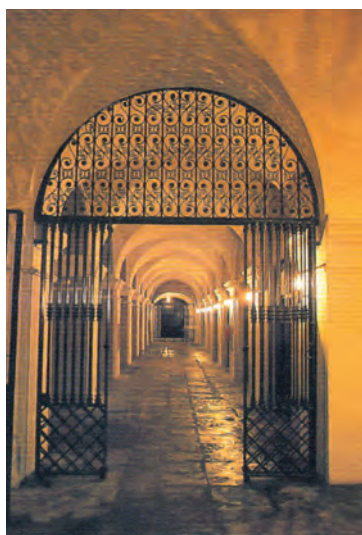
Novo Instituto promete fortalecer turismo, arte, cultura e memória nacionais.

Sábias Prioridades

Uma das missões da Memória Cult, além de abordar as expressões históricas, culturais e artísticas regionais e nacionais, é também exaltar e defender iniciativas que reforcem esses valores. Seguindo este princípio, em sua primeira edição, a revista comemora uma iniciativa que está ocorrendo atualmente na Região dos Inconfidentes, que promete ser mais um dos pilares da defesa cultural e patrimonial da região: o nascimento do Instituto Nacional de Desenvolvimento e Integração Cultural (INDIC).



Fotos do livro “Convento dos Mercedários de Belém do Pará...”, de Eugênio Ferraz, que supervisionou a restauração.



Em seu estatuto, o INDIC assume como seus “objetivos principais e permanentes o fomento ao turismo, a difusão e preservação da arte, o desenvolvimento, a promoção, restauração, recuperação, preservação e a integração de bens culturais, de turismo, da cultura e da memória do Brasil”.

Quanto ao fomento do turismo, é oportuno abordar algumas questões. Uma delas é a absoluta necessidade do resgate da vocação turística das estâncias hidrominerais, localizadas no Sul de Minas. A região já não conta com a mesma intensidade de visitantes de outrora, o que é lastimável, tendo em vista que, ao contrário de muitos outros trechos turísticos brasileiros, no Sul de Minas, infraestrutura não é problema, seja na rede hoteleira, nas cidades ou em estradas. Que acomete esta tradicional região cafeeira, então?

O problema crônico das estâncias hidrominerais é a falta de divulgação e de iniciativas que atraiam públicos de diferentes faixas



etárias e de classes sociais. O público a partir da meia-idade visita as cidades da região como uma viagem banal, e não com o foco no termalismo, nos benefícios – pouco potencializados nos últimos anos – que suas águas podem proporcionar. Por outro lado, os adolescentes e jovens adultos não vêm encontrando programações que atendam seus interesses. Há, portanto, necessidade urgente de divulgação do termalismo e de atração de, por exemplo, eventos universitários e de congressos de classes.

A Região dos Inconfidentes, por outro lado, precisa direcionar suas prioridades para a capacitação de profissionais do turismo, em atividades diretamente envolvidos com a área, mas também no


setor de serviços, em suas mais diversas especificidades. Uma necessidade que também pode ser percebida de forma muito clara nesses municípios, até por suas próprias vocações, mas que são intrínsecas a todo o país, é a falta de uma maior proximidade entre a população e manifestações culturais.

Por isso mesmo, já estão sendo comemorados os projetos de implementação de dois cursos do INDIC: de educação patrimonial e de educação fiscal. Pelo riquíssimo acervo histórico, cultural e artístico brasileiro e, no caso, mineiro, não é mais cabível que se tenha uma formação educacional descolada de ensinamentos acerca do nosso patrimônio histórico, bem como de ações para protegê-lo.

Paralelo a isso, a educação fiscal, com a conscientização sobre a devida arrecadação de tributos, assim como sua utilização e destinação tornaram-se imprescindíveis. Essas ações não terão ganhos isolados, mas ajudarão na consolidação de uma consciência cívica, respeitosa para com nossa sociedade.

A sede do INDIC será na Rodovia dos Inconfidentes, em ponto próximo a Ouro Preto, e há a possibilidade do Instituto abrigar em seu espaço físico o Museu das Reduções. A sede irá contar, ainda, salões para eventos, exposições, leilões e convenções, salas de aula para ministrar os cursos citados, dentre outros, além de espaços de preservação ambiental.

*O melhor da arquitetura
brasileira em um só local*





**MUSEU
Das**

REDUÇÕES
Ouro Preto / MG





MUSEU
DAS

REDUÇÕES

Ouro Preto / MG



PRÊMIO NACIONAL
GUIA QUATRO RODAS

REFERÊNCIA EM
EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL

Rua São Gonçalo, 131 - Amarantina - Ouro Preto - MG
CEP 35400-000 / Telefax: (31) 3553-5182
Site: www.museudasreducoes.com.br
E-mail: museudasreducoes@gmail.com

PATROCÍNIO CULTURAL
MICROCITY

INDIC

**INSTITUTO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO E
INTEGRAÇÃO CULTURAL**

Apoio a esta publicação

